

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

MARIA CLARA DE FRANCESCHI BANDEIRA

**MERCADO DE TRABALHO DA IRLANDA DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19:
IMIGRANTES X IRLANDESES NATIVOS**

Porto Alegre

2023

MARIA CLARA DE FRANCESCHI BANDEIRA

**MERCADO DE TRABALHO DA IRLANDA DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19:
IMIGRANTES X IRLANDESES NATIVOS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Economia.

Orientador: Prof. Dr. Fabian Scholze
Domingues

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Bandeira, Maria Clara De Franceschi
MERCADO DE TRABALHO DA IRLANDA DURANTE A PANDEMIA
DO COVID-19: IMIGRANTES X IRLANDESES NATIVOS / Maria
Clara De Franceschi Bandeira. -- 2023.
77 f.
Orientador: Fabian Scholze Domingues.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Ciências Econômicas, Curso de Ciências Econômicas,
Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Mercado de Trabalho. 2. Migrações. 3. Irlanda.
4. Covid-19. 5. Imigrantes. I. Domingues, Fabian
Scholze, orient. II. Título.

MARIA CLARA DE FRANCESCHI BANDEIRA

**MERCADO DE TRABALHO DA IRLANDA DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19:
IMIGRANTES X IRLANDESES NATIVOS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Economia.

Aprovada em: Porto Alegre, 04 de Setembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Fabian Scholze Domingues – Orientador

UFRGS

Profa. Dr. Carlos Henrique Vasconcellos Horn

UFRGS

Profa. Dr. Silvia Regina Ferabolli

UFRGS

RESUMO

Os imigrantes foram o grupo que mais sofreu com o desemprego durante a pandemia da Covid-19 na Irlanda. Quando comparados aos nativos irlandeses, eles tiveram até 25% maior probabilidade de estar desempregados no período. Além disso, os grupos mais atingidos foram as mulheres imigrantes, os mais jovens e o grupo de nacionalidades pertencentes ao “resto do mundo” – asiáticos, latino-americanos, africanos. Este trabalho apresenta, discute e replica para o período 2020 - 2021 um estudo de 2016 realizado por professores da Trinity College de Dublin, que aborda as vantagens dos nativos sobre os imigrantes no mercado de trabalho irlandês durante a Grande Recessão (2008 – 2012). O período de 2020 a 2021 foi utilizado para este trabalho por ter sido o segundo pior momento de taxas de desemprego na Irlanda desde 1998, devido à pandemia de Covid-19. Os resultados obtidos foram similares ao estudo de 2016, porém se concluiu que a recuperação da taxa de desemprego dos imigrantes foi muito mais rápida e eficiente após o período pandêmico do que após a Grande Recessão. A análise acessou, mediante requisição, e utilizou o banco de dados da *Central Statistics Office (CSO)*, que possui as pesquisas trimestrais do mercado de trabalho irlandês com abertura por nacionalidade, idade e gênero.

Palavras-chave: Imigrantes. Mercado de trabalho. Covid-19. Migrações. Irlanda.

RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

Immigrants were the group that suffered the most from unemployment during the Covid-19 pandemic in Ireland. When compared to native Irish, they had up to a 25% higher likelihood of being unemployed during the period. Moreover, the most affected groups were immigrant women and younger, and those from nationalities categorized as "rest of the world" – Asians, Latin Americans, Africans. This work presents, discusses, and replicates a study conducted by professors from Trinity College Dublin in 2016, focusing on the advantages that natives held over immigrants in the Irish labor market during the Great Recession (2008 – 2012), but now applied to the period of 2020 - 2021. The time frame of 2020 to 2021 was chosen due to it being the second-worst period of unemployment rates in Ireland since 1998, attributed to the Covid-19 pandemic. The obtained results were similar to the 2016 study; however, it was concluded that the unemployment rate for immigrants recovered much more quickly and efficiently following the pandemic period compared to after the Great Recession. The analysis accessed and utilized data from the Central Statistics Office (CSO) through request, which provides quarterly surveys of the Irish labor market, categorized by nationality, age, and gender.

Keywords: Immigrants. Labour market. Covid-19. Migration. Ireland.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Divisões do Mercado de Trabalho	18
Figura 2 – Taxa de participação na força de trabalho por gênero e sub-região do mundo (2022).....	24
Figura 3 - Horas semanais trabalhadas por pessoa empregada por grupo de renda e sub-região do mundo (2010 a 2024)	25
Figura 4 - Mapa europeu e taxas de desemprego por país (2021)	26
Figura 5 - Números de emprego por setor (2000 - 2018)	30
Figura 6 - Taxa de desemprego por gênero e grupo de idade (2000 - 2018).....	32
Figura 7 - Os 20 principais destinos (esq.) e origens (dir.) dos migrantes internacionais em 2020.....	36
Figura 8 - Controles de viagem relacionados à covid-19: todos os países (Jan/20 a Jul/21)	38
Figura 9 - Saldo migratório Irlanda (2000 a 2018).....	40
Figura 10 - Número de imigrantes empregados por setor (2016).....	42
Figura 11 - PIB Irlanda em milhões de euros (1998 a 2022).....	50
Figura 12 - PIB Irlanda pré e pós pandemia em milhões de euros	51
Figura 13 - Taxa de desemprego geral (1998 a 2023)	52
Figura 14 - Taxa de desemprego geral (2019 a 2023)	53
Figura 15 - Taxa de desemprego por gênero (1998 a 2022).....	55
Figura 16 - Taxa de desemprego por gênero (2019 a 2023).....	56
Figura 17 - Participação por gênero por setor de emprego (2019Q4)	59
Figura 18 - Participação imigrantes no Mercado de Trabalho irlandês	62
Figura 19 - Taxa de desemprego irlandeses vs não-irlandeses (2019 a 2022)	63
Figura 20 - Participação no Mercado de Trabalho por nacionalidade (2019 a 2022)	64
Figura 21 - Taxa de desemprego não-irlandeses por gênero (2019 a 2022)	67
Figura 22 - Participação não-irlandeses no Mercado de Trabalho irlandês (2019 a 2022)	70

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - População irlandesa por nacionalidade (2006 a 2012)	43
Tabela 2 - Taxa de desemprego por nacionalidade (2006 a 2012).....	43
Tabela 3 - Taxa de emprego por nacionalidade (2006 a 2012)	45
Tabela 4 - Percentual de irlandeses e não-irlandeses: determinadas características (1998 x 2019).....	47
Tabela 5 - Percentual de não-irlandeses com determinadas características por nacionalidade (2019).....	48
Tabela 6 - Taxa de desemprego (2019 a 2023)	53
Tabela 7 - Taxa de desemprego por gênero (2019 a 2023)	57
Tabela 8 - Emprego por tempo de trabalho: full-time vs part-time (2019Q4 a 2021Q4) .	58
Tabela 9 - Variação de empregos por setor (ondas Covid-19).....	60
Tabela 10 - Taxa de desemprego por nacionalidade (2019 a 2022)	65
Tabela 11 - Taxa de desemprego não-irlandeses por gênero (2019 a 2022)	68
Tabela 12 - Taxa de desemprego não-irlandeses por idade (2019 a 2022)	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BCE	Banco Central Europeu
CEDEFOP	European Centre for the Development of Vocational Training
CSO	Central Statistics Office
EWSS	Temporary Wage Subsidy Scheme
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILO	International Labour Organization
IOM	International Organization for Migration
NAAO	América do Norte, Austrália e Oceania
NMS	Novos Países Membros da União Europeia (a partir de 2004)
OECD	Organisation for Economic Co-operation and Development
PUP	Pandemic Unemployment Payment
QNHS	QNHS (Quarterly National Household Survey)
UE	União Europeia
UE-13	Primeiros países membros da União Europeia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	13
2.1	MERCADO DE TRABALHO	13
2.1.1	O Mercado de Trabalho como objeto de estudo econômico	14
2.1.2	Desemprego: cálculo e problematização	18
2.1.3	Precarização do trabalho	20
2.1.4	Mercado de trabalho mundial e europeu	23
2.1.5	Mercado de trabalho irlandês	27
2.2	IMIGRANTES NO MERCADO DE TRABALHO IRLANDÊS	34
2.2.1	Migrações	35
2.2.2	Migrações na Irlanda	39
2.2.3	Vantagens dos nativos no mercado de trabalho irlandês durante a crise dos Tigres Celtas (2008)	42
3	MERCADO DE TRABALHO IRLANDÊS DURANTE A PANDEMIA	50
3.1	PANORAMA GERAL DA ECONOMIA IRLANDESA	50
3.2	MERCADO DE TRABALHO DA IRLANDA DURANTE A PANDEMIA: VARIÁVEIS GERAIS	51
3.3	PANDEMIA DA COVID-19 E OS IMIGRANTES NO MERCADO DE TRABALHO IRLANDÊS	61
4	CONCLUSÃO	72
	REFERÊNCIAS	75

1 INTRODUÇÃO

As migrações possibilitam o crescimento do mercado de trabalho, equilibrando a oferta e a demanda de mão de obra conforme as necessidades momentâneas ou estruturais de uma região ou país, permitindo também a melhoria na qualidade de vida da população que migra. Ademais, com o envelhecimento da população nos países desenvolvidos, mesmo com o crescimento acelerado de produtividade, suas economias dependem cada vez mais da migração de trabalhadores jovens para suprir diversas e importantes carências de oferta de mão de obra. Depois do *boom* econômico no início do milênio, a Irlanda se tornou destino preferencial de imigrantes de várias partes do mundo, principalmente moradores do leste-europeu, que enxergaram no país a possibilidade de melhora de vida. Nos anos 2000 o país foi considerado um dos países com maior potencial de crescimento da União Europeia (UE), e hoje atrai muitos imigrantes pelo seu mercado de trabalho aquecido (favorável a vistos de trabalho) e pelo alto salário-mínimo – o quinto maior da UE (Eurostat, 2023).

Na Irlanda, os imigrantes representam 13% da população (CROSS; TURNER, 2022), e são estrategicamente importantes para o mercado de trabalho, ocupando principalmente setores de baixa qualificação - serviços e construção. Paralelamente, esses são esses os setores que sofrem de maneira mais imediata as crises econômicas. Para entender os impactos de crises para os imigrantes no mercado de trabalho, um estudo de 2016 realizado por professores da Trinity College de Dublin mostrou que em momentos de crise os imigrantes são o grupo que mais sofre com o desemprego. Eles analisaram as vantagens que os irlandeses nativos tinham sobre os imigrantes na Irlanda durante a crise dos PIIGS de 2010, e concluíram que, em média, não-irlandeses tinham 18% a mais de chance de estarem desempregados - número que aumenta significativamente conforme a nacionalidade do imigrante (KELLY *et al.*, 2016).

Em 2020 e em 2021 o mundo foi atingido por uma pandemia sem precedentes. Milhões de pessoas morreram, e outras milhões perderam o emprego. A economia parou durante meses nos países que fizeram lockdown total (como é o caso de muitos países europeus, inclusive a Irlanda), ou desacelerou muito. Felizmente no caso irlandês pode-se dizer que em 2023 a economia já está recuperada e o mercado de trabalho já se

encontra novamente aquecido, chegando ao nível histórico mais baixo da sua taxa de desemprego. Entretanto, sendo um país de alto fluxo migratório na Europa, os imigrantes tiveram desvantagens no mercado de trabalho em relação aos nativos irlandeses durante a crise por conta da Covid-19, assim como no período da Grande Recessão, conforme comentado anteriormente? Essa é a principal pergunta que guiará este trabalho. Em resumo, a crise durante a pandemia não foi tão grande quanto na Grande Recessão, mas foi grande o suficiente para quebrar a tendência de pleno emprego que o país se encontrava, conforme será exposto ao longo do trabalho

Para responder essa pergunta principal, se fará uma discussão do já mencionado artigo de Kelly et. al. replicando-o ao período da Covid-19. E para auxiliar no entendimento dos conceitos centrais sobre o mercado de trabalho, é realizada uma revisão da literatura no segundo capítulo. A revisão busca apresentar o contexto histórico e social do mercado de trabalho irlandês como subsídio para se entender o desemprego na Irlanda no período analisado, analisando os possíveis motivos do desemprego e as diferentes explicações da relevância do mercado de trabalho para a economia. Além disso, o tópico aborda o conceito de migrações, onde será possível avaliar os motivos pelos quais os imigrantes escolhem a Irlanda como destino e como esse movimento é capaz de aliviar as pressões sobre o desemprego em tempos de crise. Também será objetivo do trabalho de TCC identificar, caso seja concluído que os imigrantes tiveram desvantagens no mercado de trabalho durante a Covid-19 quando comparados aos nativos, quais foram as nacionalidades mais impactadas.

Em 2020, o número de empregos totais teve queda de 25% (CSO, 2022), comportamento similar à crise de 2010. Será que depois de uma década, os imigrantes, mesmo qualificados, seguiram com desvantagens no mercado de trabalho irlandês? A hipótese é que 10 anos depois, com o mercado de trabalho mais globalizado e sem uma crise econômica, os imigrantes na Irlanda sofreram no período de crise igual aos nativos, sem nenhuma desvantagem. Além disso, durante a crise dos PIIGS o grupo que mais teve desvantagens foi o de leste-europeus, que recém tinham chegado no país depois da entrada dos países na UE, que aconteceu em 2004. Desse modo, esperava-se que em 2020 esse grupo estivesse mais adaptado à cultura irlandesa e mais absorvido pelo mercado de trabalho local.

Para confirmar essas teorias foram coletados dados do mercado de trabalho irlandês durante os dois anos de lockdown. O Central Statistics Office (CSO), centro de estatística irlandês, realiza uma pesquisa sobre o mercado de trabalho trimestralmente para entender o emprego, desemprego, novas tendências etc. Ela é realizada com uma amostra de *householders* e é chamada de *Quarterly National Household Survey* (QNHS). Eles disponibilizam para o público geral apenas alguns dados, e entre eles não se encontra aberturas de emprego e desemprego por nacionalidade – o que seria imprescindível para cumprir o objetivo deste trabalho. Por esse motivo, foi necessário entrar em contato com o órgão irlandês, e somente depois de algumas tentativas foi dado acesso aos dados. A autora deste TCC precisou preencher um formulário solicitando acesso, explicando os motivos para isso, quem utilizaria e por quanto tempo. O órgão possui um controle rigoroso sobre quem pode utilizar os dados e com qual objetivo. Apesar disso, a base de dados fornecida foi extremamente completa e robusta, o que demonstra que o governo e todos os pesquisadores do país podem desenvolver ações e tomadas de decisões em cima de dados – algo muito importante e pouco valorizado no Brasil, por exemplo. Depois de aproximadamente um mês da solicitação feita, as bases de dados estavam disponíveis para a continuação da pesquisa.

Assim como fizeram Kelly, Mcguinness, O'Connell, Pandiela e Haugh em 2016, no artigo *How did Immigrants fare in the Irish Labour Market over the Great Recession?*, este estudo de TCC busca apresentar e compreender, por meio de análises conceituais sobre o mercado de trabalho e métodos de estatística descritiva, as vantagens que os nativos irlandeses possuíam quando comparados aos imigrantes durante a pandemia de Covid-19. Serão analisados os dados de emprego e desemprego por setor, por gênero, nacionalidade, idade e nível de escolaridade. Além disso, será possível fazer uma análise geral do mercado de trabalho irlandês antes e depois da pandemia, concluindo se ele se encontra recuperado ou não. O trabalho também irá apresentar o perfil de imigrante mais exposto pela crise de demanda da pandemia, assim como a diferença de impacto entre as nacionalidades. As análises terão como base a comparação entre as participações dos diferentes grupos e entre as taxas de desemprego e emprego.

Este trabalho de TCC inicia com uma revisão da literatura e apresentação dos principais conceitos referentes ao mercado de trabalho. O Trabalho foi tratado por muitos

economistas, como Adam Smith, que mencionava a divisão do trabalho como indispensável para o crescimento econômico, ou Marx, que embasou a parte mais famosa de sua teoria na mais-valia - o lucro do capitalista sobre o trabalho do proletariado. Já no pós-guerra, Keynes utilizou o trabalho e o emprego para construir um novo modelo econômico, e desmistificou a ideia clássica de que o desemprego era voluntário. Para o economista, na verdade, o desemprego era involuntário e cíclico, e que a demanda agregada é determinante para o nível de emprego (DATHEIN, 2005).

Posteriormente, este trabalho explica o cálculo do desemprego, algumas problematizações sobre a sua metodologia de cálculo e os tipos de desemprego de acordo com Chang (2015). Também trata da literatura acerca da precarização do trabalho, como informalização e terceirização do trabalho, novos padrões de jornadas de trabalho e políticas de salário-mínimo. Além disso, faz uma revisão das características gerais do mercado de trabalho mundial e europeu. Como o principal tópico deste trabalho é o mercado de trabalho irlandês, será apresentada uma breve história sobre a Irlanda e sua economia, peculiaridades do mercado de trabalho irlandês e dados gerais do mercado de trabalho durante a pandemia na Irlanda, para então discutir diretamente o já referido estudo de Kelly et. al., que foi utilizado de inspiração para esse trabalho.

Além do mercado de trabalho, as migrações são tratadas no tópico 2.2 para se entender o contexto geral desse movimento no mundo e na Irlanda. São abordadas teorias das principais motivações do processo de migração de acordo com Massey (1993) e uma breve descrição dos impactos da Covid-19 nessas movimentações. Este capítulo evidencia o papel importante que as migrações têm sobre o mercado de trabalho irlandês, aliviando o mesmo de pressões de desemprego e aumento de salários.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Com o objetivo de introduzir o leitor ao assunto principal desta pesquisa, que é mercado de trabalho irlandês dos imigrantes durante a Covid-19, este capítulo apresenta um panorama geral da literatura acerca do mercado de trabalho, a partir das teorias econômicas clássica, keynesiana e neoclássica, assim como os conceitos importantes para estudar, analisar e compreender as questões associadas ao desemprego. Serão discutidos os problemas do cálculo da taxa de desemprego e como eles podem alterar os resultados das análises, assim como será explorado os tipos de desemprego segundo Chang (2015) - desemprego friccional, político, tecnológico, entre outros. A precarização do trabalho, outro tópico essencial para o entendimento geral do mercado de trabalho contemporâneo, também será abordada neste capítulo, com dados de alterações nos padrões mundiais de jornada de trabalho e importância das políticas de salário mínimo.

Neste capítulo também serão abordados os mecanismos e os motivos da migração laboral, assim como será apresentada uma visão geral da economia irlandesa. Como parte principal da revisão da literatura, apresentaremos ao leitor o estudo de Elish Kelly, Seamus McGuinness, Philip O'Connell, Alberto Pandiela e David Haugh, professores da Trinity College, que foi utilizado como inspiração para o desenvolvimento principal do trabalho.

2.1 MERCADO DE TRABALHO

O trabalho e seus impactos na sociedade sempre foram muito discutidos na Economia, e seguem sendo objeto de estudo por conta de sua relevância nas dinâmicas sociais e econômicas. É difícil estudar economia ou falar sobre crescimento econômico e desenvolvimento sem abordar o Mercado de Trabalho. Por conta disso, o tópico 2.1.1 desta sessão se concentrará nas principais teorias econômicas ao longo dos séculos que trouxeram o trabalho e o desemprego como parte importante do debate. Os próximos tópicos abordarão o cálculo do desemprego, a precarização do trabalho e um panorama geral do mercado de trabalho mundial, europeu e irlandês.

2.1.1 O Mercado de Trabalho como objeto de estudo econômico

O Mercado de Trabalho pode ser definido como a relação entre trabalhadores e organizações, ou um “lugar”, no sentido abstrato, onde a oferta e a demanda de emprego e por emprego se ajustam em função do preço e da quantidade (OLIVEIRA; PICCININI, 2010). Nele estão inseridas diversas variáveis, como salário, produtividade, investimentos em qualificação, conflitos de interesses entre os agentes, políticas do governo e distribuição de renda.

Na antiguidade dizia-se que o desemprego era fruto da preguiça do ser humano e um desvio de caráter do trabalhador. Já Adam Smith, no século XVIII, entretanto, trouxe uma nova visão sobre o trabalho. Diferente de Malthus, outro economista clássico da época, que dizia que a riqueza levaria à fome, ou Hobbes, que dizia que a sociedade precisava de uma autoridade forte (e caso contrário seria detestável e brutal), Adam Smith defendia a ideia de que a mão invisível impõe a ordem. O trabalho era um produto, onde os trabalhadores são os vendedores (OLIVEIRA; PICCININI, 2010). Os salários seriam regulados pelo próprio mercado, uma vez que a concorrência entre os empregadores por trabalhadores não deixaria que os salários ficassem abaixo do salário médio de mercado. Ele acreditava que assim como os demais fatores de produção (terra e capital), a mão de obra também deveria ser remunerada pelo seu salário natural.

Adam Smith insistia que a força de trabalho era a força motriz de crescimento de uma economia, e defendia a divisão do trabalho como forma de tornar a economia mais eficiente. Essa divisão do trabalho, muito bem retratada pelo filme Tempos Modernos do Charlin Chaplin, condicionaria um aumento da capacidade produtiva do trabalho, que junto com as máquinas aumentaria a produtividade.

David Ricard, outro economista clássico, utilizou o fator trabalho como um dos pilares para construir sua principal teoria – a teoria das Vantagens Competitivas. Assim como Adam Smith, Ricardo defende como a especialização do trabalho e o livre comércio seriam benéficos para o crescimento dos países. Para ele, se os países se especializassem na produção de bens de maior vantagem competitiva, o comércio internacional renderia produtos mais baratos para todos.

Para os economistas clássicos como Adam Smith, Ricardo e Malthus, o desemprego deveria ser enfrentado com os mecanismos automáticos e autocorretivos do livre mercado. Acreditavam que o desemprego era voluntário, ou seja, existia emprego para todas as pessoas, desde que os trabalhadores aceitassem trabalhar pelos salários vigentes. O desemprego, nesse sentido, seria resultado da falta de vontade dos trabalhadores para trabalhar por salários mais baixos. Também creditavam o desemprego em todas as formas de intervenção (sindical, coletiva), que afastavam o mercado de trabalho do equilíbrio (OLIVEIRA; PICCININI, 2010). Mesmo assim, segundo esses economistas, o desemprego duraria pouco tempo pois logo a economia voltaria ao pleno emprego.

Outro economista que desenvolveu sua teoria econômica em torno do trabalho foi Karl Marx. Segundo ele, o valor de um bem se baseava no trabalho necessário para produzi-lo. No capitalismo, sistema de produção que Marx criticou muito, o trabalhador deveria produzir um valor maior do que o que ele recebe em forma de salário para que o capitalista pudesse extrair dele uma mais-valia (KISHTAINY, 2013). E que dessa forma sempre seria de interesse do capitalista manter os salários mais baixos, condenando o proletariado a condições de trabalho degradantes, monótonas e de subemprego. Como o capitalista detinha os meios de produção, ele também conseguiria manter uma parcela da população desempregada, e usaria o exército de reserva de trabalhadores para manter os salários baixos quase a níveis de subsistência (OLIVEIRA; PICCININI, 2010).

Na Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda, John Maynard Keynes muda a forma como até então se pensava macroeconomia. Em um contexto pós crise de 1929, o livre mercado (teoria melhor aceita no período) parecia incapaz de corrigir o problema do desemprego alto – nesse sentido, é comum ouvir histórias das filas de desempregados em busca de oportunidades em Nova York, nos Estados Unidos. Segundo dados da época, o desemprego nos EUA chegou a 27% (contra 4% antes da crise). Como o próprio nome da principal obra da Keynes diz, ele utilizou o trabalho e o emprego para construir um novo modelo econômico, que depois foi chamado de keynesianismo e foi amplamente consumido pelos governos dos países desenvolvidos no pós-guerras.

Para Keynes, o desemprego era cíclico e involuntário – diferente do pensamento dos clássicos. Em um momento em que a demanda por bens e serviços está baixa, a

procura por trabalhadores automaticamente também estará, o que coloca a economia em um ciclo vicioso de desemprego e subprodução – uma vez que sem salários, a população também não demandará por bens e serviços. A solução para esse problema seria aumentar os gastos do governo, retirando a economia de um equilíbrio indesejado para levá-la ao equilíbrio de pleno emprego (DATHEIN, 2005), aumentando a demanda global por produtos e serviços. Os preços subiriam, os salários reais cairiam, as contratações aumentariam e a economia atingiria novamente o pleno emprego. Dessa forma, é comum de todos os keynesianos que a demanda agregada é determinante para o nível de emprego (DATHEIN, 2005).

Diferente da visão de Keynes, de que o desemprego é uma consequência da demanda agregada, para Shumpetero que causa o desemprego são mudanças na oferta agregada (DATHEIN, 2005). Inovações e desenvolvimento podem alterar o tipo de qualificação necessário de mão de obra, por exemplo, criando um desemprego tecnológico ou estrutural. Entretanto, assim como os keynesianos, os shumpeterianos acreditam que o desemprego é involuntário e de desequilíbrio. Além disso, para eles é necessário um nível de flexibilidade do mercado de trabalho para que o mesmo consiga se adequar a essa nova demanda de mão de obra e às inovações.

Muitos anos depois da Teoria Geral, Phillips e Friedman aperfeiçoaram o trade-off entre desemprego e inflação. Phillips desenhou a famosa Curva de Phillips: a política monetária keynesiana de aumento dos gastos do governo para impulsionar a demanda gera melhora no desemprego, mas faz com que o nível geral de preços cresça. Dessa forma, quanto mais pessoas são necessárias no mercado de trabalho, mais os salários crescem, o que eleva ainda mais os preços, resultando em inflação alta. Quando o desemprego é alto, a queda de demanda reduziria os preços, deixando a inflação baixa. Já Friedman acreditava que existia uma taxa natural de desemprego, que consistia em um desemprego temporário (período que as pessoas estavam saindo de um emprego e procurando outro, por exemplo), e que o pleno emprego seria atingido quando o desemprego estivesse nessa taxa natural (KISHTAINY, 2013). Para ele, no longo-prazo a Curva de Phillips seria uma reta vertical no índice natural do desemprego.

Por fim, a teoria neoclássica enxerga o pleno emprego como o equilíbrio entre preços e quantidades de oferta e demanda de mão de obra (DATHEIN, 2005). O

desemprego, assim como para os clássicos, é voluntário e anormal, sendo um problema da oferta de mão de obra, por um pensamento irracional dos trabalhadores ou por um problema de falta de informação dos agentes. Ainda afirmam que somente os trabalhadores podem causar o desemprego no momento que exigem do mercado de trabalho salários mais altos. Porém, caso o mercado esteja funcionando livremente, essas causas exógenas do desemprego seriam eliminadas pelos próprios mecanismos do mercado. Com o conceito do livre mercado, a melhor forma de combate ao desemprego seria garantindo que ele exista. Já para os monetaristas, segundo Dethein (2005), “a melhor política contra o desemprego seria uma regra de política monetária coerente com a evolução de longo prazo do produto real, além de disponibilizar melhores informações para os agentes econômicos”.

Teorias neoclássicas mais novas atribuem o desemprego pelas distorções de mercado impostas pelo seguro-desemprego e por políticas de salário-mínimo. A ideia principal é evitar que os desempregados permaneçam nessa situação por muito tempo, visto que é custoso para a sociedade e a realocação pode se tornar difícil com o tempo. Admitem a importância das políticas de emprego, porém acreditam que elas devem ser curtas e limitadas, e que o mais importante seriam políticas ativas de mão de obra, como serviços de realocação e treinamentos.

Por último, pode-se estudar o mercado de trabalho para os Institucionalistas. Em um contexto estadunidense no século XX, onde a taxa de imigração nos EUA era alta e a qualificação dos trabalhadores era baixa, eles entenderam que era necessário um Estado atuante e instituições de regulação. Ou seja, para eles, as instituições, como governos, estados e sindicatos são muito importantes para o funcionamento do mercado de trabalho. Na teoria Institucional, o salário, a seleção e as formas de capacitação não seguem a lógica clássica de competição de mercado (OLIVEIRA; PICCININI, 2010). Pelo contrário, as instituições, como as empresas, definem as próprias regras de contratação, práticas, regras de promoções internas, cultura, etc. Não existe competição entre os diferentes tipos de setores do mercado de trabalho, pois cada um possui suas próprias regras e tradições.

Segundo os institucionalistas, não é possível determinar que trabalhadores com a mesma característica de qualificação, idade, gênero, experiências e conhecimentos

ocupados, mas subocupados – com trabalho de meio período, por exemplo -, quanto por terem desistido de encontrar emprego.

Embora seja considerada a forma correta de se calcular a taxa de desemprego e de ser utilizada por todos os países, ela possui três limitações importantes de serem pontuadas. A primeira delas diz respeito à idade mínima da população ativa, que varia de país para país: na Índia e no Nepal, crianças acima de 5 anos já são consideradas aptas para trabalhar (CHANG, 2015). Já no Brasil, a idade mínima é 14 anos. Segundo: somente a população que está ativamente procurando emprego é considerada desempregada, ou seja, todos aqueles que desistiram de procurar emprego por falta de perspectiva, o que Chang chama de “trabalhadores desestimulados”, não fazem parte do cálculo do desemprego. E por último, os subocupados, mesmo que trabalhem 1h por dia, são considerados empregados. Mas estão utilizando todo seu potencial de força produtiva? Dessa forma é de extrema necessidade que quando se analisa o desempenho do mercado de trabalho se tenha em mente que as premissas para o cálculo são limitadas e podem variar de acordo com o país.

Como já mencionado no tópico 2.1.1, o desemprego é sempre um ponto de estudo para os economistas, sociólogos e políticos. Ele é visto como um grande desperdício de recursos do ponto de vista social e produtivo; ele pode levar à degradação social e urbana, se for isolado em algum lugar específico; e quando ele for de longo-prazo, reduz muito as chances de empregabilidade – e essa é uma das razões do porquê tantas pessoas desistem de encontrar emprego (CHANG, 2015). É preciso entender o trabalho como não só um meio de se obter renda: ele também é uma forma de socialização, e em algumas culturas é visto como parte da ética da pessoa.

No livro *Economia, Modo de Usar*, Chang discorre sobre cinco tipos de desemprego, afirmando que eles podem coexistir. É interessante observar que quase a maioria deles foi tratado no tópico anterior sobre as teorias econômicas que abordaram o mercado de trabalho:

- a) desemprego friccional: é o tempo durante a troca de um emprego para o outro. Pode ser por motivos pessoais ou pelo funcionamento do próprio mercado de trabalho (como o fechamento de uma indústria, por exemplo);

- b) desemprego tecnológico: também chamado de desemprego estrutural. É muito discutido pelos schumpeterianos, sendo definido como a existência de uma incompatibilidade entre a demanda por uma mão de obra com determinada qualificação e a oferta dessa mão de obra;
- c) desemprego político: sindicatos, associações ou o próprio governo estão impedindo que os trabalhadores aceitem o salário vigente, o que interfere no livre mercado. Segundo os neoclássicos, no longo prazo todos que queiram encontrar um emprego o encontrarão dentro dos níveis salariais disponíveis no mercado. O governo interfere no equilíbrio do mercado de trabalho oferecendo seguro-desemprego; os sindicatos interferem impondo salários-mínimos para os setores; e as leis trabalhistas interveem com as barreiras de demissões, indenizações e altos encargos trabalhistas.
- d) desemprego cíclico: causado pela falta de demanda – desemprego involuntário de Keynes. Pode ser resolvido aumentando a demanda por meio de gastos do governo e afrouxamento da política monetária.
- e) desemprego sistêmico: o desemprego é intrínseco ao modo de produção capitalista.

Nos tópicos a seguir deste trabalho será possível identificar os tipos de desemprego que acometeram a Irlanda no período principal do estudo (2019 – 2022) e no período base de comparação (2009 – 2013).

2.1.3 Precarização do trabalho

Além do problema do desemprego, a qualidade do emprego continua sendo uma preocupação importante para as autoridades. Devido à pobreza e falta de acesso à proteção social, muitas pessoas não podem renunciar ao emprego, e aceitarão qualquer tipo de atividade: empregos precários, com salários muito baixos e, às vezes, com horas insuficientes. Por esse motivo as instituições são muito importantes para o crescimento do emprego (ILO, 2023). Cobertura de sistemas de proteção social, sindicatos, legislação de proteção ao emprego e políticas governamentais para o mercado de trabalho são

essenciais no mundo contemporâneo, visto que os desafios futuros para o mercado de trabalho são grandes (discussão mais ampla no tópico 2.4).

Nesse sentido, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) é uma importante instituição que dissemina pelo mundo os principais direitos do trabalhador. Ela recebeu quando foi fundada a missão a missão de promover melhorias das condições de trabalho com o propósito de justiça e humanidade e garantir a paz permanente no mundo. Existe um amplo consenso entre os estudiosos de mercado de trabalho sobre a importância central do trabalho decente, incluindo o respeito aos princípios e direitos fundamentais no trabalho, o emprego produtivo e livremente escolhido, a proteção social universal e o diálogo social como meio de moldar o crescimento e o desenvolvimento econômico. A OIT é uma instituição importante para o trabalho mundial, e seus estudos serão muito utilizados neste trabalho.

As Normas Internacionais do Trabalho são elaboradas em conjunto por governos, empregadores e trabalhadores que fazem parte da OIT. Uma vez que as normas são aprovadas, todos os estados-membros devem levá-las à autoridade competente do seu país e submetê-las à legislação trabalhista vigente. Os principais princípios que regem as normas são a liberdade sindical e direito à negociação coletiva, abolição do trabalho forçado e do trabalho infantil e eliminação da discriminação no mercado de trabalho. Sobre o trabalho forçado, a OIT estima que quase 25 milhões de pessoas no mundo todo trabalham em condições análogas à escravidão (ou como escravas mesmo), na agricultura, no trabalho doméstico ou sendo exploradas sexualmente. O setor privado, ainda segundo a OIT, lucra 150 milhões de dólares anualmente com esse tipo de trabalho ilegal. Além de ser uma violação aos direitos humanos, também é uma das causas principais da pobreza, o que compromete o desenvolvimento econômico.

Dentre as principais discussões sobre os direitos do trabalhador estão as políticas de salário-mínimo. Essa discussão se iniciou no pós Segunda Guerra Mundial, com o estado de bem-estar social e com o objetivo de proteger os trabalhadores que estavam na base da pirâmide salarial. Atualmente essas políticas são entendidas como essenciais para o combate à pobreza e à desigualdade e para o crescimento econômico, principalmente em países subdesenvolvidos. Depois de implementada, as autoridades devem garantir a manutenção do salário real (ou seja, do poder de compra) corrigindo o

salário-mínimo de acordo com a inflação do período. Além disso, alguns autores defendem que o aumento do salário-mínimo acima da inflação é benéfico para o país e fomenta o crescimento econômico, reduzindo o desemprego e a informalidade do trabalho (DIIESE, 2023). Contudo, para os economistas neoclássicos, o ajuste do salário-mínimo acima da taxa de crescimento de produtividade pode gerar o contrário: inflação, desemprego e conseqüentemente aumento da informalidade.

Outro tópico abordado nas Normas Internacionais do Trabalho é o tempo de trabalho. As normas buscam regulamentar os horários de trabalho, períodos de repouso, férias remuneradas etc. Uma das formas de medir o tempo de trabalho é pela jornada de trabalho. Ela se refere ao tempo em que o trabalhador está executando suas atividades no trabalho, e o tempo difere de acordo com cada setor e de país para país. O setor de Serviços, como o varejo, possui jornadas de trabalho distintas de outros setores, como o da Indústria, por exemplo, sendo muito mais longas. Ele atualmente é responsável por alterações nos padrões mundiais de jornadas de trabalho, e acaba criando possibilidades de trabalho meio-período, por exemplo, que é uma forma comum de manter o emprego sem demissões, conforme aconteceu na pandemia da Covid-19 na Irlanda, discussão que será abordada mais para frente neste trabalho. Segundo a OIT, 2009, junto com o varejo, os setores de hotéis e restaurantes, atacadistas, de armazenamento e transporte e de educação são os que possuem as maiores jornadas de trabalho. Ademais, o turno e o horário de trabalho também são importantes para medir o nível de precariedade do emprego. Nesse caso, o setor de serviços também é um destaque, assim como o de segurança, com longas jornadas e horários noturnos e no final de semana. A literatura chama essas jornadas “diferentes” do usual como um “arranjo flexível do trabalho” (OIT, 2020).

Alguns dos desafios que o mercado de trabalho tem pela frente tem relação com duas mudanças estruturais que aconteceram nas últimas décadas: a terceirização e a informalização. O processo de terceirização do trabalho permitiu que o setor de serviços ganhasse uma maior relevância na participação do PIB de muitos países e na participação do mercado de trabalho, representando em muitos países desenvolvidos quase metade dos empregos. Isso fica evidente quando, em 2005, um estudo da OIT observou uma queda significativa no total de empregos do setor agrícola na Ásia, contra

um aumento significativo no Serviço. Isso vai contra o senso comum de que a industrialização é no setor da Indústria – o que se observa é que a mesma acontece também no setor de Serviços.

Já a informalidade, outra mudança estrutural de acordo com a OIT, vem crescendo principalmente nos países em desenvolvimento. Ela acaba sendo a válvula de escape para o desemprego em crises econômicas, e uma saída para os profissionais menos qualificados. Infelizmente os órgãos e instituições têm dificuldade de medir a qualidade do trabalho desse grupo, como por exemplo a jornada de trabalho e as condições de trabalho. É um setor que também carece de estruturas legais e regulatórias, e sua participação no mercado de trabalho só cresce com o passar dos anos.

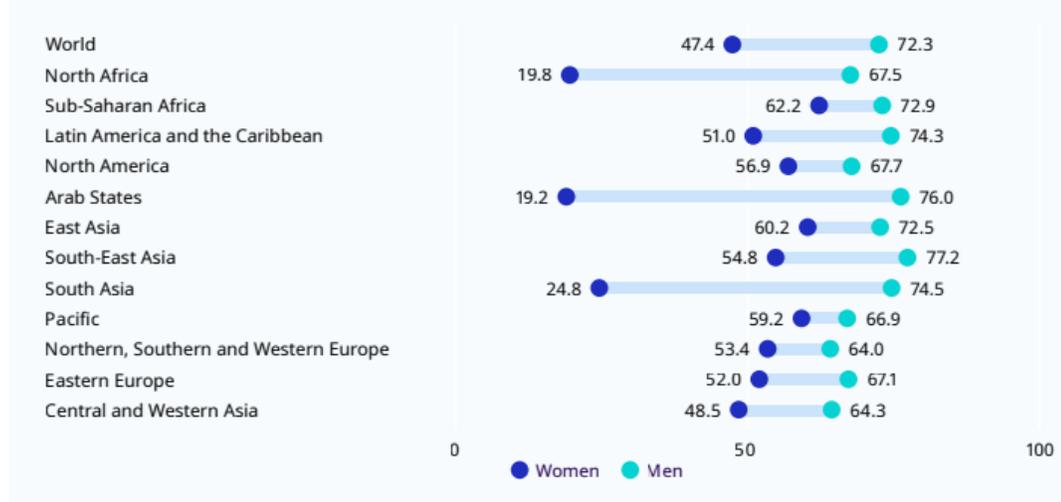
2.1.4 Mercado de trabalho mundial e europeu

Segundo a International Labour Organization (ILO), estima-se que 3,6 bilhões de pessoas fazem parte da força de trabalho mundial. A organização projeta um crescimento de 35 milhões por ano nos próximos dez anos por conta do crescimento da população em idade ativa. Já a população economicamente em 2022 registrou 60% do total da população em idade ativa, um pouco abaixo do nível de 2019. Esse número está em constante queda há um tempo, impulsionado pelos mais jovens, que passam mais anos de sua vida estudando (quando comparado com antigamente), e também por conta da geração mais velha, que em países desenvolvidos desfruta da aposentadoria por períodos mais longos (ILO, 2023).

O mercado de trabalho mundial terá grandes desafios pela frente. A China, por exemplo, teve pela primeira vez em 2015 uma redução da população em idade ativa (ILO, 2023). Com o envelhecimento da população será necessário um crescimento acelerado de produtividade, aumento na taxa de população economicamente ativa e migração de trabalhadores jovens para áreas com falta de oferta de mão de obra. Isso porque cada trabalhador em média precisará produzir mais para arcar com a população cada vez maior de idosos no mundo. Por conta dessa tendência, vários países já aumentaram a idade mínima para se aposentar em uma tentativa de aumentar o percentual da população economicamente ativa, como é o caso da França. Outra forma de tentar

resolver esse problema é com políticas adequadas para inserção das mulheres no mercado de trabalho. Em 2022, conforme o figura 2, somente 47,4% das mulheres em idade ativa faziam parte da força de trabalho. Importante destacar que existe uma diferença significativa entre as regiões.

Figura 2 – Taxa de participação na força de trabalho por gênero e sub-região do mundo (2022)



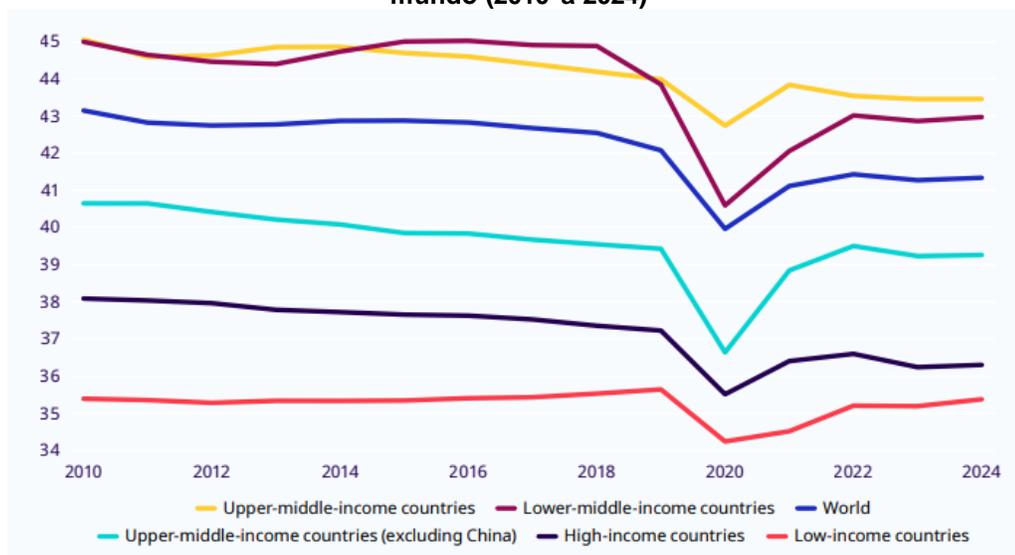
Fonte: ILO (Janeiro, 2023).

A entrada de jovens no mercado de trabalho é também uma das soluções para a queda da população economicamente ativa, mas possui alguns desafios, visto que um em cada cinco jovens em 2022 estavam fora da educação ou sem emprego (ILO, 2023). Como um agravante, a grande maioria desses jovens encontra-se em países em desenvolvimento, às vezes muito pobres, onde as políticas de educação são escassas e insuficientes: a ILO estima que a África representará quase metade da expansão da força de trabalho mundial – 16 milhões de jovens. Esses jovens poderão se deslocar para outros países em busca de trabalho, suprimindo a necessidade de mão de obra nos países desenvolvidos. Mas as **autoridades precisam identificar as lacunas de qualificação dessas pessoas para não prejudicar o desenvolvimento econômico nos próximos anos.**

Com relação a quantidade de horas trabalhadas por semana, conforme a figura abaixo, a média de 2022 do mundo foi de 41,5h. Os países de baixa renda (*low-income countries*) trabalham em média por semana quase 5h a menos do que a média mundial. Os países de alta renda, entretanto, trabalham 1h a mais que os mais pobres por conta

da alta produtividade, o que permite rendas elevadas com poucas horas de trabalho. Além disso, o trabalho dos países em desenvolvimento e mais pobres normalmente está ligado com agricultura, construção e serviços (varejo), que demandam mais horas trabalhadas por semana.

Figura 3 - Horas semanais trabalhadas por pessoa empregada por grupo de renda e sub-região do mundo (2010 a 2024)

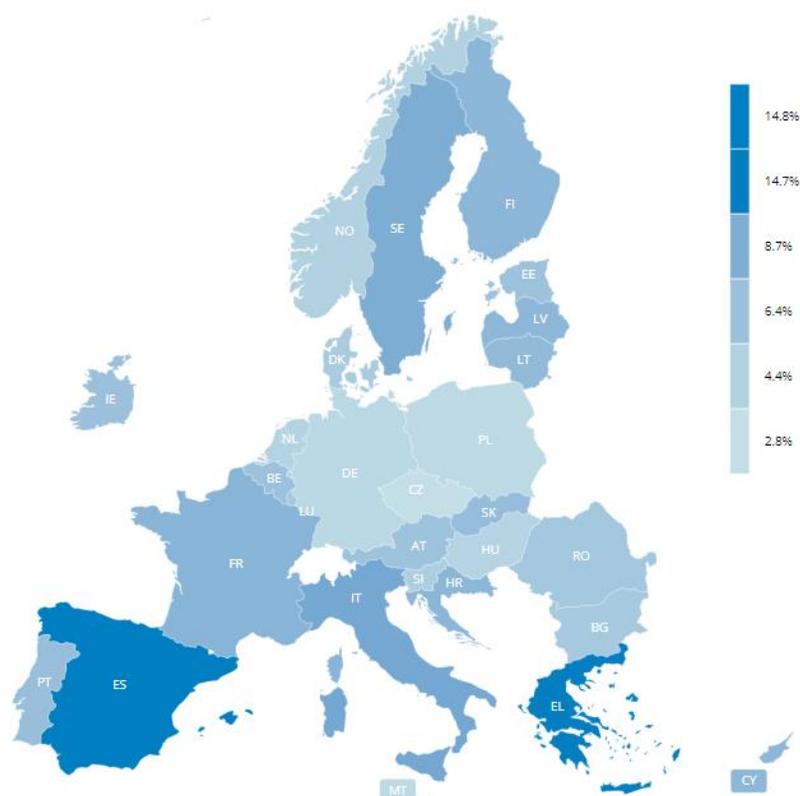


Fonte: ILO (Janeiro, 2023).

Em 2022, 205 milhões de pessoas estavam desempregadas – representando uma taxa de desemprego de 5,8% (ILO, 2023). Esse resultado já mostrou uma melhora significativa dos impactos da pandemia da Covid-19, chegando próximo aos patamares de 2019 (pré-pandemia). Conforme imaginado, a taxa de desemprego dos países de alta renda foi a menor (5,0%), enquanto a maior foi a de países de baixa-média renda, com 6,1%. Chama atenção nos dados do relatório da ILO a diferença na taxa de desemprego entre homens e mulheres durante a pandemia, que chegou a mais de 1pp em alguns casos. Os pesquisadores atribuem isso ao fato de muitas mulheres durante a pandemia terem saído da força de trabalho, em parte devido ao aumento das responsabilidades de trabalho não remunerado, como cuidado dos filhos e da família. Será possível identificar o mesmo padrão de comportamento no tópico 3.1, onde será feita uma análise geral do mercado de trabalho irlandês durante a pandemia da Covid.19.

Desde o início da pandemia, em 2020, a Europa está passando por uma grave crise energética. A Rússia cortou os envios de gás natural, o que levou a taxa de inflação aos níveis históricos, reduzindo o salário real do mercado de trabalho. Foram em torno de 310 milhões de trabalhadores atingidos (tamanho do mercado de trabalho europeu). Os principais setores que empregam são a Indústria (16%), Varejo (13,7%) e Saúde (11%) (CEDEFOP, 2021). Além disso, na Europa 36,8% dos trabalhadores possuem alta qualificação, e dos três setores que representam mais no mercado de trabalho, apenas Saúde está acima dessa média. Em 2022, a taxa de desemprego europeia era 6,1% (5% no leste-europeu e 6,6% na Europa ocidental). Somente na UE, a taxa de desemprego era de 6,0% no final de 2022 – taxa mais baixa desde 2001! Os países mais críticos eram a Espanha e a Grécia. O mapa abaixo mostra as taxas de desemprego por país no final de 2021.

Figura 4 - Mapa europeu e taxas de desemprego por país (2021)



Fonte: CEDEFOP (2021).

Na Europa, assim como no mundo e na Irlanda (assunto abordado no próximo tópico), os jovens são os que mais sofrem com o desemprego. De acordo com o *European Centre for the Development of Vocational Training* (CEDEFOP), a taxa de desemprego na UE de jovens de 15 a 24 anos foi de 16,6%, enquanto de 25 a 49 a taxa foi de 7% - quase 10pp de diferença. As mulheres também são as mais afetadas, com 7,4% contra 6,7% dos homens.

Além da crise energética, a guerra na Ucrânia também está gerando efeitos claros no mercado de trabalho europeu. A ILO estima que 2,4 milhões de empregos foram perdidos no país, e em torno de 7 milhões de refugiados ucranianos estão na Europa – 1,4 milhões na Polônia e 800 mil na Alemanha (ACNUR, 2022). A entrada desses imigrantes refugiados nos mercados de trabalho dos países de destino ainda terá muitos desdobramentos, pois sobrecarregará os sistemas de seguro social e serviços públicos, deixando essas pessoas vulneráveis ao desemprego. Além disso, a xenofobia pode crescer nesses momentos, tornando a vida dos refugiados ainda mais difícil.

2.1.5 Mercado de trabalho irlandês

O próximo tópico dará um contexto geral da economia irlandesa e de como ela se tornou atualmente um dos melhores países para se viver na Europa, com um mercado de trabalho aquecido e com boas condições de trabalho. Depois, será descrito como a economia da Irlanda se saiu durante a pandemia do Covid-19, com ênfase no mercado de trabalho.

2.1.5.1 História e Economia da Irlanda

A Irlanda é uma ilha localizada ao norte da Europa e possui uma população total de 5,1 milhões de habitantes de acordo com o último censo demográfico de 2022. O PIB per capita da Irlanda foi de 89 mil dólares em 2021, o segundo maior da Europa, perdendo apenas para Luxemburgo. Além disso, o país tem o quinto maior salário-mínimo da UE, e possui o sexto maior poder de compra (EUROSTAT, 2023). Em 2020, o IDH (Índice de

Desenvolvimento Humano) da Irlanda atingiu 0,955 (em uma escala de 0 a 1), sendo considerado um dos maiores IDHs do mundo.

Desde o início do século XXI, a Irlanda vem atingindo altos índices de crescimento e desenvolvimento, mas nem sempre foi assim. Até 1922 o país fazia parte do Reino Unido, mas não participou ativamente da Revolução Industrial, e por esse motivo nunca teve sua indústria desenvolvida de fato. A economia era agrária e grande exportadora de leite e carne para os britânicos. Mas o país passou a registrar altos índices de crescimento a partir de 1960, e em 1990 ganhou inclusive o apelido de “Tigre Celta” pelo seu desempenho (SAYAO, 2006). Esse crescimento foi resultado de políticas do governo de apoio à educação e à pesquisa, à fatores demográficos e ao incentivo à inovação.

O primeiro fator que possibilitou o crescimento acelerado e estruturado da economia foi a valorização da educação. As grandes universidades da Irlanda se tornaram gratuitas, o que resultou em um crescimento do nível de escolaridade média dos jovens. Os resultados são concretos: em 2021, 53% da população entre 25 e 64 anos tinha nível superior completo (OECD, 2023). Para atingir esses resultados, que depois impactam fortemente no mercado de trabalho, de acordo com a Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD), a Irlanda gasta em torno de 2,7% do PIB em educação. Somente como base de comparação, por exemplo, o Brasil possui 20% de pessoas com ensino superior completo (OECD, 2023), mas investe cerca de 5% do PIB em educação (2018). Uma evidência de que o valor investido em educação não se reverte automaticamente em qualidade, e de que são necessárias outras variáveis para a mudança real acontecer.

A população com alta escolaridade gera uma grande oferta de capital humano qualificado na Irlanda, tornando isso uma de suas vantagens competitivas no mercado, que atraiu grandes empresas de tecnologia ao país. Elas começaram a se instalar no território irlandês no início do século, muito por conta dos subsídios do governo para baixar os impostos sobre às corporações, mas também devido ao ambiente de incentivo à tecnologia e à inovação que existe no país. Empresas como Google, Apple, LinkedIn e Facebook encontraram (além dos baixos impostos) jovens qualificados e uma cultura de incentivo à mudança e à tecnologia. Colaborando com essa ideia, a Irlanda é o país da Europa onde pequenas e médias empresas mais investem em P&D, tecnologia e

inovação, de acordo com a Comissão Europeia (EUROPEAN INNOVATION SCOREBOARD, 2022). De acordo o Índice Global de Inovação, elaborado pela Universidade de Cornell nos Estados Unidos, a Irlanda é o décimo país mais inovador do mundo. Mas nada disso aconteceu por acaso: o governo da Irlanda estabeleceu três pilares de inovação. Atrair investimentos estrangeiros, apoiar pequenos e médios empreendedores, como já foi citado, e financiar projetos de Pesquisa & Desenvolvimento (P&D) nas universidades.

Mas além desses dois pontos já mencionados, alguns fatores demográficos também beneficiaram o crescimento do país: na década de 1980 a Irlanda tinha uma população jovem e em crescimento, diferente dos demais países da Europa. Os jovens cresceram se qualificando, e quando entraram no mercado de trabalho elevaram o salário médio do país, impulsionando o desenvolvimento econômico, a qualidade de vida e consequentemente tornando a Irlanda destino de muitos imigrantes.

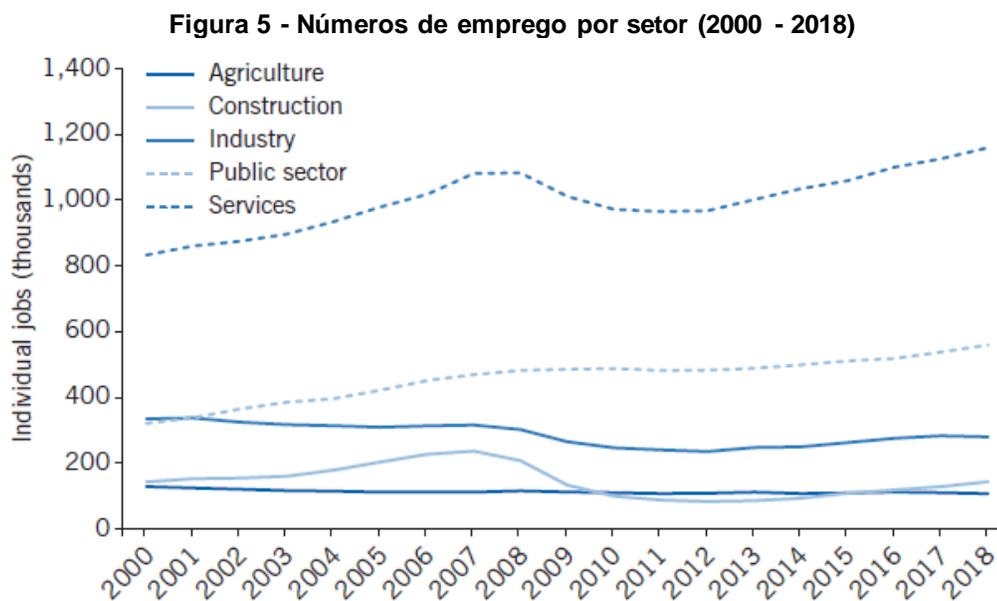
A combinação de mercado inovador, mão de obra qualificada e presença de multinacionais, que empregam milhares de pessoas no país, gera um mercado de trabalho aquecido – mesmo que pequeno em números absolutos. Só a empresa Apple, em Cork, cidade à 250km de Dublin, emprega 6.000 pessoas – em um total de 120 mil habitantes. Já o Google tem um de seus maiores escritórios fora dos Estados Unidos em Dublin, e possui 7.000 funcionários. Ao todo estima-se que empresas estrangeiras empregam cerca de 10% da força de trabalho da Irlanda (SERRANO, 2018). Em 2022, mesmo em recuperação pós os lockdowns em razão da pandemia do Covid-19, a taxa de emprego atingiu valores históricos, e teve a sua maior taxa desde 1998, quando esse número começou a ser avaliado, chegando à 73,5%. O número de pessoas desempregadas, ou seja, que estavam à procura de emprego, foi de 120 mil no mesmo período (CSO, 2022), também um dos níveis mais baixos da história – o que representa 4,3% da população economicamente ativa em busca de trabalho.

Também por todos esses motivos mencionados, o país esmeralda também é conhecido atualmente como um país de imigração, tendo aproximadamente 13% de sua população de imigrantes, comparado à 8% da média da UE. Até 2004 a Irlanda era um país de emigração, mas após o boom econômico do início do século XXI, particularmente devido ao setor de construção civil (CROSS; TURNER, 2022), o país passou a ser destino

de muitos que buscavam uma vida melhor, em sua grande maioria habitantes dos Novos Países Membros da UE (KINGSTON; McGINNITY; O'CONNELL, 2015).

2.1.5.2 Mercado de Trabalho Irlandês

A Irlanda é considerada um dos países mais abertos e globalizados do mundo. Sua economia é dividida em 60% Serviços e quase 40% Indústria, restando somente para a Agricultura. No mercado de trabalho a estrutura é bem similar a essa, com a grande maioria da força de trabalho empregada no setor de Serviços, como mostra a figura 5 abaixo.



Fonte: Bergin, Kelly e Redmond (2019).

O setor de Alimentação e Acomodação é um dos mais importantes em Serviços, embora seja o que possui os menores salários, mais baixos benefícios e a menor estabilidade (CROSS; TURNER, 2022). Além disso, atualmente a Irlanda possui uma falta de mão de obra qualificada (por mais que no início do século tenha se destacado pela alta qualificação da população) quando comparada a outros países da Europa, principalmente levando em consideração o alto salário-mínimo.

Para explicar historicamente o mercado de trabalho irlandês é necessário passar por um resumo dos últimos 20 anos da economia do país. O boom da era do Tigre Celta, como foi dado o nome a esse período (em referência aos Tigres Asiáticos), antecedeu a maior crise contemporânea que a Irlanda já viveu. O crescimento exponencial da época, que chamou atenção do mundo, foi proporcionado pelo crédito ao setor imobiliário e à construção civil (BERGIN; KELLY; REDMOND, 2019). Em 1999, com a criação da zona do Euro, a taxa de juros do bloco foi unificada usando como base a taxa de juros da Alemanha, que era uma das mais baixas taxas europeias na época. Isso fez com que países mais “periféricos” do bloco, como a Irlanda e a Grécia, baixassem sua taxa de juros, crescendo a disponibilidade de crédito no mercado doméstico e aumentando o endividamento interno.

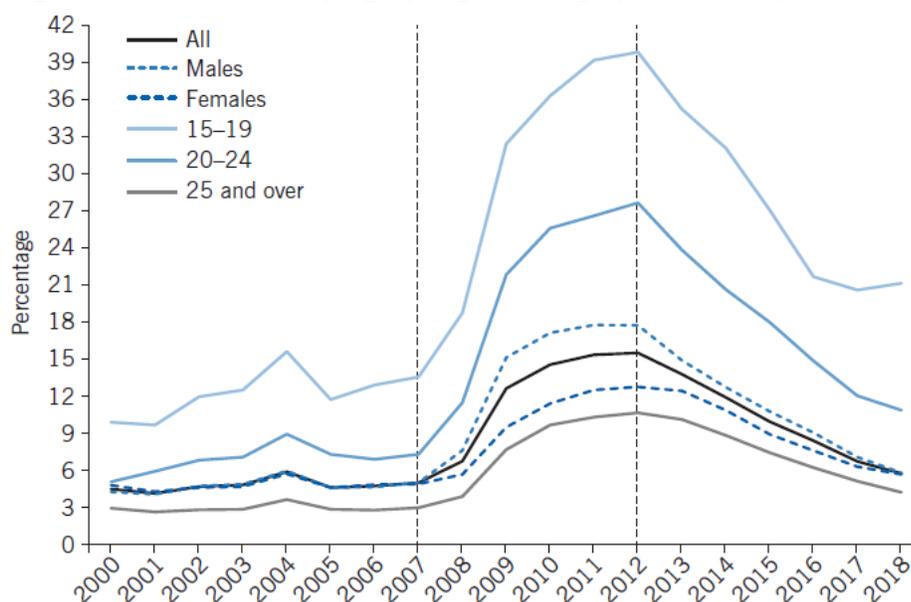
A política monetária do bloco era – e ainda é, claro, - conduzida pelo Banco Central Europeu (BCE), e os bancos centrais dos países são meros braços operacionais, perdendo a soberania monetária (BLIKSTAD; OLIVEIRA, 2016). Eles somente obedecem às decisões do BCE, que são embasadas no Novo Consenso Macroeconômico, e priorizam a política monetária, que tem como meta a estabilidade de preços, deixando a política fiscal em segundo plano. A baixa taxa de juros fez com que a Irlanda recebesse grandes investimentos externos, que combinado com o aumento da disponibilidade de crédito, impulsionou o crescimento do país. O setor imobiliário da Irlanda, quando atingido pela crise dos subprime dos Estados Unidos, também entrou em crise, baixando os preços dos imóveis, reduzindo a solvência dos bancos e endividando as famílias. A crise ficou conhecida mundialmente como “Crise dos PIIGS”, e foi causada em grande parte pela institucionalidade do euro (BLIKSTAD; OLIVEIRA, 2016), que não permitia que os bancos centrais nacionais comprassem títulos da dívida pública no mercado secundário para controle de preços – algo que é essencial no controle monetário de um país.

A taxa de desemprego na Irlanda foi de 5% em 2007 para 15,5% em 2013, retrocedendo para o patamar dos anos 90. Houve uma queda de 20% nos salários. E os jovens foram os mais atingidos pela crise: grande parte deles trabalhava no setor de construção, atacado e varejo e fabricação, que historicamente são setores mais suscetíveis aos ciclos econômicos. A crise afetou também mais os homens do que as mulheres pelo mesmo motivo: proporcionalmente eles trabalhavam mais na construção

civil, enquanto mulheres ocupavam mais as posições no setor de saúde (na figura acima, “Public Sector”), que não teve tantas alterações no número de emprego (BERGIN; KELLY; REDMOND, 2019).

A partir de 2013, com o fim da crise dos Tigres Celta, o mercado de trabalho irlandês começou a se recuperar, e as taxas de desemprego aos poucos foram voltando aos patamares anteriores à crise, como mostra a figura 6 abaixo. Conforme também já citado, os jovens foram os mais atingidos pela crise, com a taxa de desemprego chegando a 40% entre as pessoas de 15-24 anos em 2012.

Figura 6 - Taxa de desemprego por gênero e grupo de idade (2000 - 2018)



Fonte: Bergin, Kelly e Redmond (2019).

Em 1998, 3% do mercado de trabalho irlandês era de imigrantes, sendo a maioria europeus e britânicos. Em 2019, 18% do mercado de trabalho era ocupado por não-irlandeses – grande parte leste-europeus e imigrantes do resto do mundo, como asiáticos e latino-americanos.

2.1.5.3 Mercado de Trabalho irlandês durante a pandemia do Covid-19

O mercado de trabalho irlandês seguia em recuperação e ainda tinha um longo caminho para percorrer pós a Grande Recessão. Os desafios discutidos em 2018 eram

prioritariamente aqueles relacionados ao Brexit, onde o mercado de trabalho da Irlanda poderia ser afetado principalmente via os setores de Agricultura e Alimentação – setores em que a Irlanda exporta para a Inglaterra. Entretanto, em 2020 o mundo se viu na pandemia da Covid-19, e a Irlanda foi atingida pela crise, assim como todos os outros países do mundo, incorporando ao mercado de trabalho desafios muito maiores. E um dos grupos mais atingidos no mercado de trabalho pela crise da Covid-19 foram as mulheres (NUGENT, 2021), diferente do grupo mais atingido pela crise de 2008, como já citado acima, onde os homens foram os mais impactados (BERGIN; KELLY; REDMOND, 2019).

Durante a pandemia, entre 2019 e 2020, o desemprego entre as mulheres aumentou 27,4% - enquanto entre os homens aumentou 24,1%. Historicamente a participação de mulheres no mercado de trabalho da Irlanda é a mais baixa entre os países da UE, e alguns autores relacionam isso aos altos custos de escolas e creches (BERGIN; KELLY; REDMOND, 2019). Durante a pandemia esse fator se tornou ainda mais agravante na vida das mulheres: as escolas estiveram fechadas quase que na totalidade do tempo, deixando as famílias sem saída e sem solução. É consenso que nesses momentos as mulheres, mães, abrem mão de suas carreiras para prezar pelo cuidado dos filhos, da família e de casa – o chamado terceiro turno, ou o “trabalho não remunerado”. Também é importante lembrar que quando é analisado que as mulheres foram as mais atingidas pela crise no mercado de trabalho durante a Covid-19, isso não quer dizer que elas foram demitidas: isso apenas diz respeito ao impacto geral da pandemia, onde também existiu uma escolha da população – de quem teve condições financeiras de escolher - (seja por medo do vírus, necessidade de cuidar de alguém, doenças etc.) de se ausentar do mercado de trabalho por um período. Sendo assim, o governo irlandês possui um grande desafio pela frente: identificar onde efetivamente está o problema das mulheres no mercado de trabalho e tratar, utilizando, se necessário, subsídios e auxílio creche.

Assim como as mulheres, os mais jovens em um geral foram os mais impactados no mercado de trabalho pela pandemia. O número absoluto de pessoas desempregadas aumentou 25,6% entre 2019 e 2020, e duas entre três pessoas desempregadas tinham idade até 35 anos (NUGENT, 2021). Aproximadamente 70% dos empregos perdidos em

2020 eram de setores de baixa qualificação e de baixos salários. Já as posições de gerentes, diretores, analistas sêniores e de pessoas que trabalham com tecnologia cresceram 5,7% durante o mesmo período, evidenciando uma tendência de que quanto maior a qualificação e escolaridade, menores as chances de sofrer de desemprego durante a crise (KELLY *et al.*, 2016; NUGENT, 2021).

A Europa é conhecida pelo seu estado de bem-estar social, e durante a pandemia este se mostrou ainda mais forte e importante. O governo irlandês agiu rapidamente para proteger a economia e o mercado de trabalho, e criou dois subsídios para a população, o Pandemic Unemployment Payment (PUP) e o Temporary Wage Subsidy Scheme (EWSS). O primeiro deles, o PUP, era solicitado pela própria pessoa, e os pagamentos eram feitos diretamente para ela. Já o EWSS era um subsídio para a empresa, e mantinha o empregado ligado por contrato de trabalho com o empregador. O governo pagava à empresa uma parte do valor do salário do trabalhador. Um milhão de pessoas receberam os auxílios no segundo trimestre de 2020 (auge da pandemia). Em setembro de 2020 o número já tinha caído pela metade, com as empresas e alguns setores já se acostumando com os novos modelos de trabalho.

Com essas ajudas, especialmente a última, a Irlanda conseguiu manter os empregos, e no momento que a economia começou a reabrir, os números do mercado de trabalho foram voltando a normalidade. A taxa de desemprego no último trimestre de 2022 fechou em 4,3%, já em níveis anteriores à pandemia. A tendência, segundo os pesquisadores, é de crescimento dos salários por causa da escassez de oferta de mão de obra, principalmente nos setores de construção, *driving* e *software*, e pela alta inflação vivenciada pela Europa no último ano. A recuperação pós Covid-19 está se mostrando muito mais rápida e robusta do que a recuperação pós crise de 2008, justamente pela forte resposta anticíclica monetária e fiscal, que protegeu os salários e a capacidade produtiva da economia (McDONNELL, 2021).

2.2 IMIGRANTES NO MERCADO DE TRABALHO IRLANDÊS

O entendimento sobre Migrações será muito importante para analisar os impactos da Covid-19 nos imigrantes da Irlanda no mercado de trabalho do país. Os dois tópicos

a seguir tratarão sobre números gerais de migração no mundo e na Irlanda. Já o tópico 3.3 fará uma revisão da literatura de Kelly et al. (2016) e Cross e Turner (2022) sobre as vantagens dos nativos irlandeses sobre os imigrantes durante a Grande Recessão.

2.2.1 Migrações

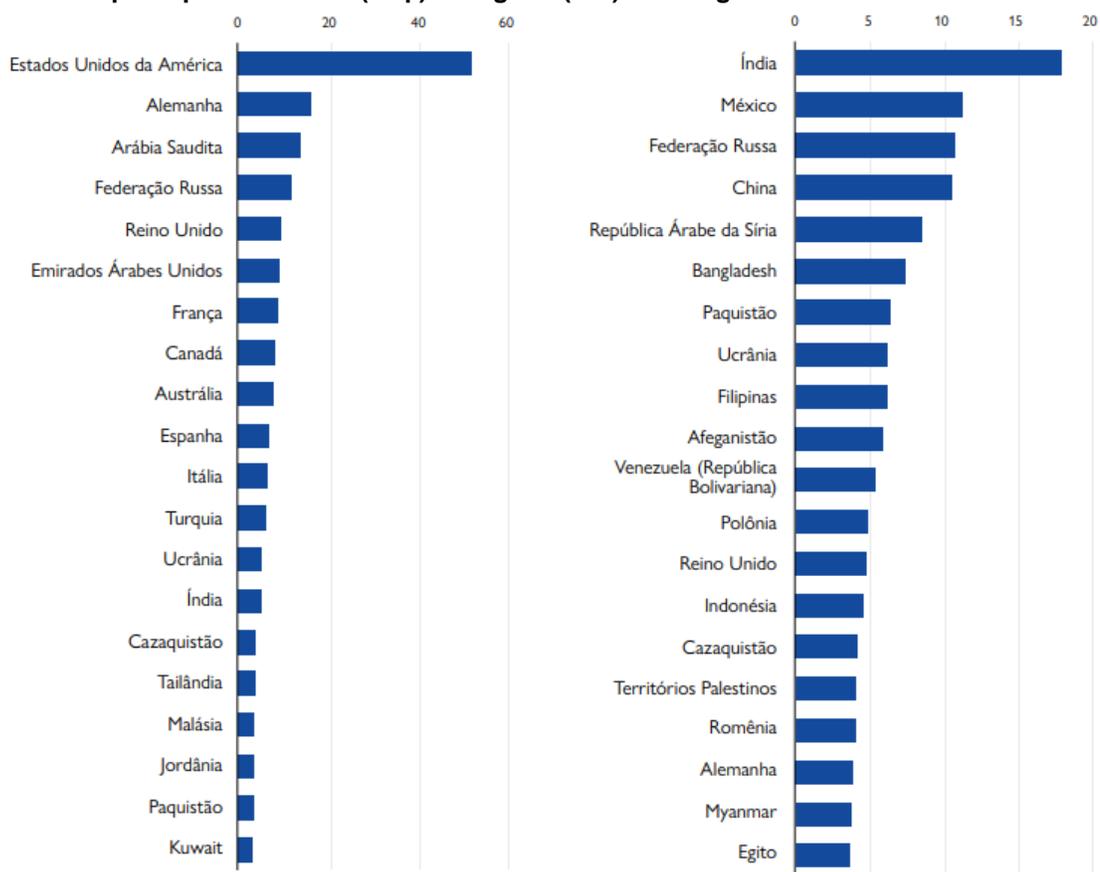
O conceito de Migrações pode ser definido como o movimento de pessoas de uma região para a outra. É um deslocamento ancestral que acontece desde o início da humanidade, mas que tomou outra perspectiva no século XX e no século XXI por conta das guerras e das crises econômicas. Todos os países são afetados por esses movimentos, seja como país de origem, de trânsito ou do destino (OIT, 2008), e diversas políticas governamentais precisam ser realizadas para a melhora das condições de vida da população migrante. Além disso, as migrações podem ser temporárias ou permanentes e possuem diversos motivos para acontecer.

Em 2020 quase 281 milhões de pessoas residiam fora de seus países de nascimento segundo a International Organization for Migration (OIM), o que representava 3,6% da população mundial. Esse percentual ainda pequeno indica que permanecer no país de origem ainda é o normal, a “regra”. Ainda segundo a OIM, em 2019 havia 169 milhões de trabalhadores imigrantes espalhados pelo mundo (o que apresenta 4,7% da reserva global de mão de obra), e mais de US\$702 bilhões transferidos internacionalmente por esses imigrantes. Os países que mais receberam transferências foram Índia, China, México, Filipinas e Egito, e os Estados Unidos foi a principal fonte (OIM, 2021). A transferência de remessas ajuda no desenvolvimento do país de origem, que normalmente é mais pobre que o país de destino, e possibilita até a migração de retorno de capital humano (competências e conhecimentos adquiridos no estrangeiro), capital financeiro (poupanças) e capital social (contatos) (OIT, 2008). A diáspora, como esse movimento de retorno ao país de origem é chamado, facilita o desenvolvimento de novos mercados e de transferência de tecnologia.

Entre os países com maior número de imigrantes está o Estados Unidos (com 51 milhões de imigrantes em 2019), Alemanha (16 milhões em 2020), Arábia Saudita, Rússia, Reino Unido e Emirados Árabes, conforme figura abaixo (OIM, 2021), São

destinos de pessoas que buscam escapar da pobreza e das guerras, melhores condições de trabalho, estudo e possibilidades de mobilidade social (OLIVEIRA, 2017). Em 2020, a Europa recebeu cerca de 87 milhões de migrantes, seguida pela Ásia com 86 milhões, representando juntas 61% do total de imigrantes internacionais nesse ano. Ainda de acordo com a OIM, 40% de todos os imigrantes internacionais nasceram na Ásia – o equivalente a 115 milhões de pessoas.

Figura 7 - Os 20 principais destinos (esq.) e origens (dir.) dos migrantes internacionais em 2020



Fonte: Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais (DESA), 2021a.

Fonte: OIM (2021).

O conceito de “corredores migratórios” é famoso no estudo de migrações, e refere-se aos padrões de migrações entre os países, que consideram fatores econômicos, geográficos, demográficos e políticos. São o acúmulo de movimentos migratórios ao longo do tempo (OIM, 2021). O corredor migratório com mais imigrantes é o México-

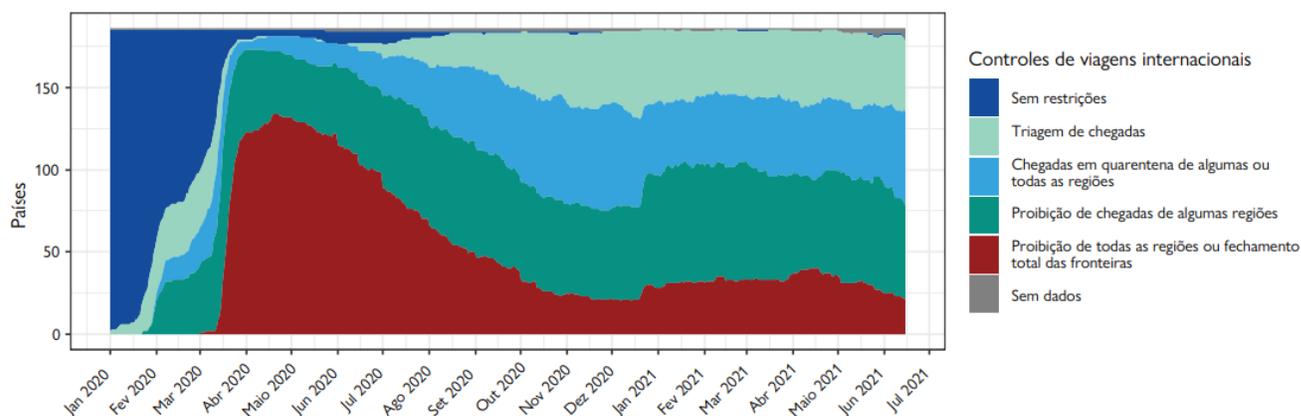
Estados Unidos, com mais de 11 milhões de pessoas. Existem várias teorias que tentam entender todos esses fatores que motivam o processo de migração internacional. Massey (1993) destaca cinco delas:

- a) a Teoria Neoclássica: enfoque na busca individual por maximização da utilidade, em que os indivíduos tomam decisões racionais de se mudar para outro país por conta das diferenças entre salários e oportunidades de emprego;
- b) a Teoria do Capital Humano: os indivíduos migram para países que recompensam o capital humano, ou seja, possuem investimentos em educação, treinamentos e experiências. Ele busca países remunerem melhor de acordo com suas habilidades.
- c) a Teoria da Nova Economia da Migração: enfatiza o papel das redes sociais e de apoio como a principal variável para a escolha do país para migrar. Segundo essa teoria, os indivíduos são mais propensos a migrar para lugares onde já existam outras pessoas de mesma cultura ou nacionalidade.
- d) a Teoria dos Sistemas Mundiais: as desigualdades econômicas são as influenciadoras das migrações entre países ricos e países pobres. O sistema econômico tem uma divisão do trabalho em que os países desenvolvidos concentram atividades de maior valor agregado, que exige do mercado de trabalho melhores qualificações, enquanto os países em desenvolvimento são centros de mão de obra barata para indústrias intensivas de trabalho.
- e) a Teoria do Processo de Migração: a migração dependerá das experiências e dos eventos ao longo do processo de migração (todos os estágios até a integração no novo local), e será diferente para cada indivíduo de acordo com fatores individuais.

As migrações contribuem para o crescimento e desenvolvimento do país de origem, como já abordado anteriormente, mas também contribuem para o país de destino. No setor de tecnologia, por exemplo, onde se exige mão de obra específica, a entrada de imigrantes com alta qualificação fomenta a competitividade dos salários. Já nos setores que exigem menos qualificação, os imigrantes ocupam os postos de trabalho que normalmente os nativos evitam, como o setor de serviços, agricultura, hotelaria, entre outros (OIT, 2008).

A pandemia da Covid-19 gerou consequências importantes para o fluxo migratório do mundo, que envolveu mudanças drásticas na liberdade de circulação das pessoas. As medidas que as autoridades do mundo todo tomaram para conter a propagação do vírus resultou em restrições de viagens, e em alguns países proibição total de viagens internacionais. Já outros países impuseram quarentena obrigatória. A figura 8 mostra a evolução nos controles de viagens internacionais no período da pandemia (janeiro de 2020 até julho de 2021). Em março de 2020, quando a pandemia ficou clara, o número de restrições aumentou drasticamente, baixando aos poucos até o final de 2020 e tendo um leve pico na segunda onda do Covid-19, em janeiro de 2021. Segundo os dados da OIM, mais da metade dos países tinham proibição de viagens um ano após o início da pandemia. Além disso, conforme medidas de saúde foram sendo tomadas e descobertas contra o vírus, como testes pré-viagem, quarentena e vacinação, as viagens internacionais também foram sendo liberadas.

Figura 8 - Controles de viagem relacionados à covid-19: todos os países (Jan/20 a Jul/21)



Fonte: OIM (2021).

A pandemia restringiu a mobilidade de diversos imigrantes pelo mundo, desde trabalhadores sazonais a estudantes internacionais, e escancarou vulnerabilidades existentes para esse grupo. Muitos desses viajantes perderam seu emprego por conta da crise de demanda que a pandemia causou (mais sobre isso nos tópicos posteriores deste trabalho) e ficaram sem dinheiro para prover comida e abrigo (OIM, 2021). A falta de colaboração entre os países de origem, destino e trânsito exacerbou ainda mais os

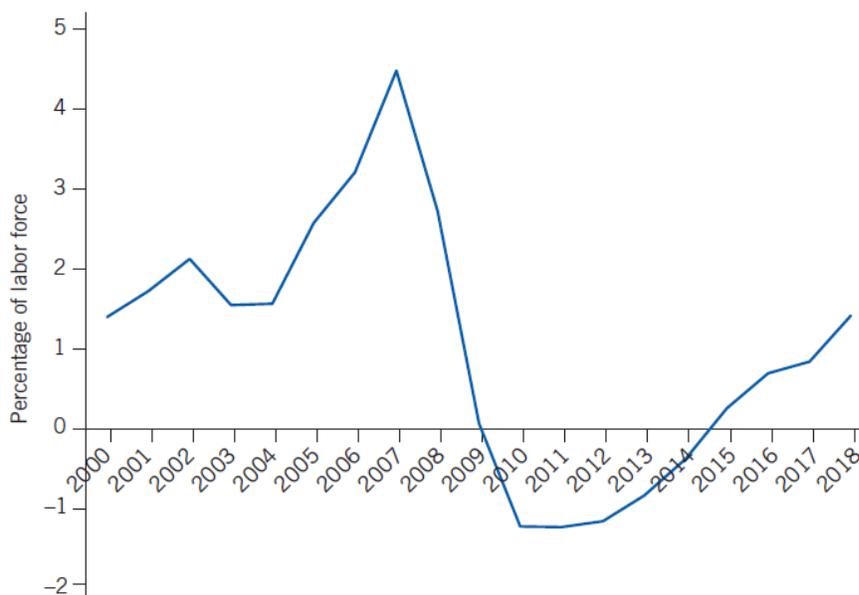
problemas de movimento. Além de conviver com a xenofobia e com a estigmatização, em muitos casos o governo expôs os imigrantes e os colocou em risco de pobreza extrema, sem nenhum tipo de auxílio durante a pandemia. Não foi o caso da Irlanda, por exemplo, em que o governo liberou auxílio para toda a população, incluindo os imigrantes legais.

2.2.2 Migrações na Irlanda

Como já mencionado, a Irlanda possui em torno de 17% de sua população composta por imigrantes, o que representa em torno de 871 mil pessoas (OIM, 2021). Os britânicos representam 35% dos imigrantes, seguido pelos leste-europeus, com mais de 25% (Polônia, Lituânia e Letônia). Segundo Cross e Turner (2022), cada vez mais os países europeus precisarão de mão de obra imigrante para o crescimento da economia e do mercado de trabalho. Essa conclusão está em linha com os próximos desafios mapeados para o pós pandemia, onde um dos maiores é a falta de mão de obra nos setores de construção civil e tecnologia na Irlanda (McDONNELL, 2021).

Embora a Irlanda seja o 56º país em percentual sobre a população de imigrantes, a migração tem um papel importante para a economia e para o mercado de trabalho. Tanto na crise dos Tigres Celta quanto na crise mais recente da pandemia da Covid-19, a migração representou uma válvula de escape para os índices de desemprego (NUGENT, 2021; BERGIN, KELLY, REDMOND, 2019). Durante a crise de 2008, conforme a taxa de desemprego na Irlanda foi crescendo (olhar Figura 6), o saldo migratório do país (imigrações – emigrações) foi caindo também, conforme a Figura 9 abaixo.

Figura 9 - Saldo migratório Irlanda (2000 a 2018)



Fonte: Bergin, Kelly e Redmond (2019).

Ou seja, **quando o desemprego cresce, o número de pessoas emigrando cresce também, aliviando a economia de pressões ainda maiores no mercado de trabalho**. Já quando o emprego entra em recuperação, o número de imigrações volta a crescer, reduzindo emigrações, e **suprindo a necessidade de mão de obra que o país possivelmente terá na recuperação econômica**. Isso ajuda com que a Irlanda não tenha altos índices de desemprego nos momentos de crise. Entre 2008 e 2014, período da Grande Recessão na Irlanda, houve um saldo migratório negativo de 142 mil pessoas, em que 228 mil Irlandeses saíram da ilha durante a crise em busca de melhores oportunidades (e 108 mil retornaram também). Essa alta emigração foi compensada pela imigração principalmente de países da NMS (KELLY et al., 2016). Esse comportamento evidencia um fato interessante para os irlandeses: por ser um país que faz parte da UE, isso possibilita um acesso fácil a mercados de trabalho de outros países em momentos de crise no país, mitigando os impactos de pressões no mercado de trabalho nesses momentos de recessão.

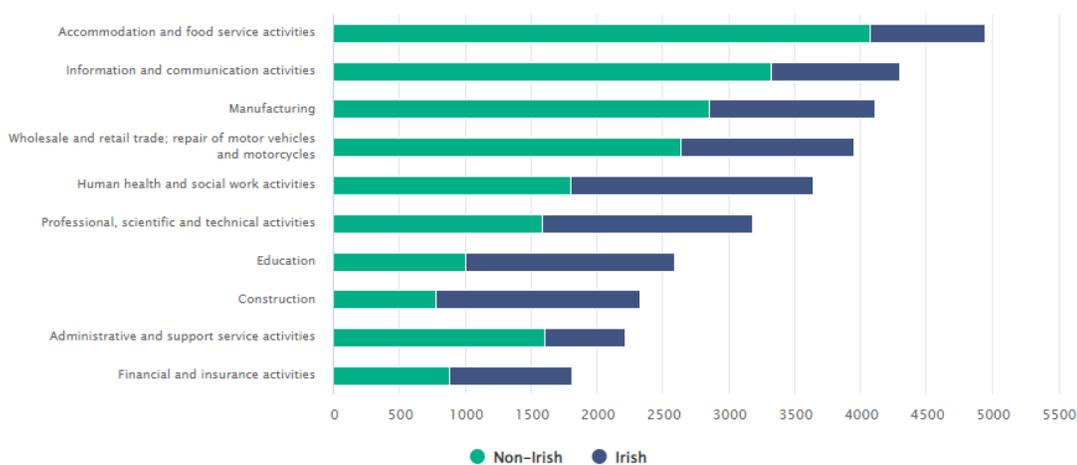
A Irlanda atrai imigrantes por vários motivos, entre eles o, embora pequeno mas aquecido, mercado de trabalho. Entre 1998 e 2021, o número de vagas no mercado de trabalho cresceu 53%, e foi acompanhado por um aumento do nível de qualificação das posições e por uma redução nos trabalhos “braçais” (CROSS; TURNER, 2022). Além do

mercado de trabalho, a partir de 2004, com a entrada dos NMS na UE, o número de imigrações na Irlanda disparou. A partir desse ano, a entrada deles se tornou livre na Irlanda, sem a necessidade de visto para trabalhar. Em 2014, imigrantes do NMS representavam 5% da população total da Irlanda, e quase metade dos imigrantes que residiam no país (KELLY et al., 2016).

O processo de requisição à cidadania irlandesa para imigrantes também é um dos motivos que torna a Irlanda atrativa para essas pessoas. O país é considerado um dos menos restritivos em questões de visto e cidadania que o restante da Europa. Apesar disso, o processo de cidadania sofre duras críticas pelo seu caráter subjetivo e imprevisível, porque para solicitar a cidadania os aplicantes devem enviar ao governo referências de caráter, escrita por outros cidadãos, o que é muito aberto às diferentes interpretações e pode dificultar o acesso à cidadania aos imigrantes. Nos países desenvolvidos é muito comum que os trabalhadores mais produtivos ganhem cidadania, algo que eles chamam de “*self-selection*”. Mas para resolver o problema da subjetividade, o órgão de migração da Irlanda já passou por diversas reformas que tornaram o processo de cidadania mais claro. O número de cidadanias irlandesas concedidas entre 2005 e 2013 aumentou quase 6x: de 4.079 em 2005 para 24.272 em 2013. A nacionalidade que mais cresceu em número de cidadanias concedidas foi a Africana, que saiu de 868 em 2005 para 9.142 em 2013 (KELLY et al., 2016), muito por conta das políticas para refugiados.

De acordo com o último censo demográfico completo da Irlanda, de 2016, a grande maioria dos imigrantes trabalha no setor de Acomodação e Alimentação (CSO, 2018). Esse setor também é considerado o setor mais precário da economia, e por ser um setor de serviços, também é um dos setores que mais é impactado por crises econômicas. Além disso, como já destacado nos tópicos anteriores deste trabalho, o setor de serviços é historicamente um dos setores com alta precariedade e baixos salários e benefícios. Durante crises econômicas também é o setor mais exposto à queda da demanda agregada – e considerando a figura abaixo, que a maior parte dos imigrantes está empregada neste setor, torna também os imigrantes os mais propensos aos impactos negativos das crises.

Figura 10 - Número de imigrantes empregados por setor (2016)



Fonte: CSO (2022).

2.2.3 Vantagens dos nativos no mercado de trabalho irlandês durante a crise dos Tigres Celtas (2008)

O objetivo desse tópico é abordar os estudos realizados por pesquisadores da Irlanda sobre as vantagens dos irlandeses nativos sobre os imigrantes no mercado de trabalho durante a crise dos Tigres Celtas. Ficará evidente que durante a Grande Recessão os imigrantes foram os que mais sofreram com o desemprego, e que os impactos foram diferentes dependendo da nacionalidade do imigrante e do nível de qualificação e de fluência da língua inglesa dele.

As contratações na Irlanda caíram 14% entre 2007 e 2012, e os imigrantes, por normalmente trabalharem em setores mais sensíveis aos ciclos econômicos, foram os mais afetados pela crise. **Em 2006 a taxa de desemprego entre os irlandeses era de 4,4%, e entre os não-irlandeses 7,2% - uma diferença de 2,8pp.** Entre o último grupo, os africanos tinham a maior taxa de desemprego, de 22,4%, contra 6,1% do grupo dos NMS (*New Members State*) – segundo maior número de imigrantes na Irlanda nesse período (KELLY et al., 2016). Os dados de 2012, auge da crise segundo os autores, são conclusivos por si só: **o desemprego entre os irlandeses foi de 14,5%, enquanto para os não-irlandeses de 17,5% - uma diferença de 3,0pp.** Os africanos chegaram a 33,6% de desemprego nesse ano (aumento de 11,2pp), enquanto os NMS 18,1% (aumento de 12pp). Por mais que a diferença geral da taxa de desemprego entre nativos e imigrantes

seja quase a mesma entre os dois anos de referência, é possível concluir que alguns grupos de imigrantes foram os mais afetados, como os africanos, leste-europeus e nacionalidades do resto do mundo. Alguns grupos como os europeus UE-13 e os asiáticos, por exemplo, sofreram até menos que os próprios irlandeses, mostrando um padrão do mercado de trabalho irlandês de valorização do imigrante de acordo com a nacionalidade (KELLY et al., 2016). Os dados completos para as demais nacionalidades se encontram na tabela abaixo.

Tabela 1 - População irlandesa por nacionalidade (2006 a 2012)

	2006	2008	2010	2012
Nacional	-	-	-	-
Irlandês	89,8%	87,2%	87,7%	88,0%
Não-irlandês	10,2%	12,8%	12,3%	12,0%
Reino Unido	2,7%	2,6%	2,5%	2,5%
UE-13	1,0%	1,1%	1,2%	1,0%
UE-NMS	3,1%	5,5%	5,1%	5,0%
Africa	-	-	-	-
Asia	-	-	-	-
Países NAAO	-	-	-	-
Resto do mundo	3,3%	3,5%	3,5%	3,5%

Tabela 2 - Taxa de desemprego por nacionalidade (2006 a 2012)

	2006	2008	2010	2012	<i>Dif 2006 vs 2012</i>
Nacional	4,8%	7,1%	14,1%	15,0%	10,2pp
Irlandês	4,4%	6,7%	13,5%	14,5%	10,1pp
Não-irlandês	7,2%	9,4%	17,9%	17,5%	10,3pp
Reino Unido	7,8%	8,7%	17,6%	18,6%	10,8pp
UE-13	5,2%	8,1%	11,4%	9,0%	3,8pp
UE-NMS	6,1%	9,2%	20,0%	18,1%	12,0pp
Africa	22,4%	23,3%	22,3%	33,6%	11,2pp
Asia	6,5%	4,9%	10,4%	9,4%	2,9pp
Países NAAO	0,7%	4,9%	13,3%	13,7%	13,0pp
Resto do mundo	9,3%	14,7%	22,6%	21,5%	12,2pp

Fonte: Elaborado a partir de Kelly et al. (2016).

Na tabela acima, outro dado que chama a atenção é a taxa de desemprego dos países NAAO (América do Norte, Austrália e Oceania). Em 2006, segundo KELLY et al.

(2016), os profissionais desse grupo eram contratados antes se deslocarem para o país. Foi o período em que empresas de tecnologia como Google e Facebook foram para a Irlanda, conforme já destacado anteriormente neste trabalho. Isso explicaria a taxa de desemprego de 0,7% desse grupo no ano de 2006. Em 2012, quando a taxa de desemprego dos NAAO chegou em 13,7%, além da crise de demanda, essas empresas já tinham a oferta de outros profissionais irlandeses, o que pode ter colaborado para que o grupo sofresse com a crise.

Pós crise também é possível observar uma queda no percentual da participação dos irlandeses na população da Irlanda, caindo quase 2pp entre 2006 e 2012, conforme destacado no ponto 2.2.2, e o grupo que mais subiu em participação foi o dos NMS, que passaram a representar 5,0% em 2012. Os imigrantes leste-europeus que desembarcaram na Irlanda a partir de 2008 tinha características muito diferentes dos que já residiam no país. Era uma mão de obra menos qualificada, que ocupou o setor de serviços, mais suscetível às crises econômicas (KINGSTON; MCGINNITY; O'CONNELL, 2015) – o que pode justificar o impacto da Grande Recessão na empregabilidade do grupo. A participação dos imigrantes do “resto do mundo” também cresceu no período. Inclusive, conforme o censo irlandês de 2016, o Brasil tinha o maior grupo do “resto do mundo”, com 10.000 imigrantes morando na Irlanda nesse mesmo ano.

Analisando a taxa de emprego nacional, que no caso do CSO se refere às pessoas de 15 a 64 anos que estão empregadas, em 2006 ela era 69%: 68% para irlandeses e 72% para não-irlandeses. Já a taxa de desemprego nacional era de 4,8%, sendo 4,4% para irlandeses e 7,2% para não-irlandeses, conforme foi destacado no parágrafo anterior. Relacionando os dois números, os irlandeses em idade economicamente ativa estão proporcionalmente mais fora do mercado de trabalho do que não-irlandeses, mas ao mesmo tempo possuem uma taxa de desemprego menor. Isso pode estar ligado ao fato de que muitos irlandeses ainda estão estudando e estão fora do mercado de trabalho, enquanto os imigrantes da Irlanda se mudam para o país com o objetivo de trabalhar, na grande maioria das vezes.

Tabela 3 - Taxa de emprego por nacionalidade (2006 a 2012)

	2006	2008	2010	2012	<i>Dif 2006 - 2012</i>
Nacional	69,1%	67,5%	59,8%	59,0%	-10,1pp
Irlandês	68,6%	67,0%	59,9%	59,0%	-9,6pp
Não-irlandês	72,6%	70,3%	59,4%	59,5%	-13,1pp
Reino Unido	63,6%	62,2%	56,5%	53,5%	-10,1pp
UE-13	80,0%	73,9%	66,5%	72,0%	-8,0pp
UE-NMS	85,0%	77,8%	63,0%	67,1%	-17,9pp
Africa	44,5%	45,4%	43,8%	35,9%	-8,6pp
Asia	71,3%	69,6%	61,6%	58,8%	-12,5pp
Países NAAO	72,1%	72,6%	56,5%	60,1%	-12,0pp
Resto do mundo	62,1%	58,3%	53,4%	46,3%	-15,8pp

Fonte: Elaborado a partir de Kelly et al. (2016).

Já com relação aos grupos de nacionalidades, conforme a tabela acima, os africanos eram os que possuíam menor taxa de emprego: em 2012, o nível de emprego era de 35,9% (comparado à 59% de nível nacional). Essa diferença pode ser atribuída ao processo de asilo à refugiados que grande parte dos imigrantes africanos passaram na Irlanda, em que ficaram sem trabalho até que o visto fosse liberado – e isso poderia demorar anos (KELLY et al., 2016). Retirar o acesso dos imigrantes do mercado de trabalho, mesmo que temporariamente, pode gerar consequências irreversíveis e danos políticos e econômicos.

Paralelamente aos resultados discutidos acima, para conseguir comparar os efeitos da Grande Recessão no mercado de trabalho irlandês com relação à irlandeses e não-irlandeses, os pesquisadores da OECD (KELLY et al., 2016) utilizaram o Modelo Probit, um modelo econométrico de escolha binária. Ele é utilizado para modelar a probabilidade de um evento binário (ocorrer ou não ocorrer) em termos das variáveis independentes. Um coeficiente positivo explica que a variável de referência está associada a um aumento na probabilidade de um evento acontecer ou não, enquanto um coeficiente negativo explica que a variável de referência está associada a uma redução na probabilidade desse evento acontecer. Foram analisados os anos de 2006 (período pré-crise) até 2014 (período pós-crise). As variáveis independentes consideradas foram gênero, idade, estado civil, família, nível de educação, região de residência, área profissional e país de nascimento. O estudo foi realizado tanto para a o evento de estar

empregado (*Employment Models*) quanto de estar desempregado (*Unemployment Models*). Além disso, o artigo definiu “irlandeses” como as pessoas nascidas na Irlanda, excluindo aqueles que adquiriram cidadania posteriormente por outros meios. Neste trabalho será abordado somente o modelo de emprego da pesquisa da OECD.

No modelo de emprego (*Employment Models*), no período pré-crise, os homens tinham 15,7% mais probabilidade de estarem empregados do que as mulheres. Esse percentual caiu durante a recessão, e voltou a crescer em 2014, mas em patamares mais baixos que anteriormente. A probabilidade de ter emprego também aumentou em todos os grupos de idade em relação ao grupo de 55-64 anos, e essa diferença cresceu em 2012. Como exemplo, a idade entre 25-34 anos elevava em 23,7% a chance de ter emprego quando comparado ao grupo mais velho de 55-64 anos. A escolaridade também passou a ser mais valorizada durante a recessão, em que de 2006 até 2012 a probabilidade da média e alta qualificação estar empregada quando comparada à baixa escolaridade cresceu (de 13,8% para 25,4% para o *High Education*). Com relação aos setores de trabalho, o setor de Construção era o que tinha o menor coeficiente negativo, de -0,386 em 2012, ou seja, o setor estava associado a uma redução de 38,6% na probabilidade de ocorrer o evento “emprego” quando comparado à Indústria (KELLY et al., 2016).

Ainda para o modelo de emprego, a desvantagem dos não-irlandeses flutuou no período, indo de 5,2% em 2006, para 4,2% em 2008 e 6,8% em 2012. Em 2014, no que os autores entenderam como o final da Grande Recessão, a desvantagem dos não-irlandeses era de quase 7%. Esse número explica que ser não-irlandês dava uma chance 7% menor de estar empregado em comparação aos nativos irlandeses. Quando se analisa o mesmo modelo para nacionalidades, as únicas que possuíam significância estatística no modelo de emprego foram as africanas e as britânicas. Em 2006, os africanos tinham 18,2% menos probabilidade de estarem empregados em comparação aos irlandeses de nascimento. Esse número chegou a 26,9% em 2010. Dessa forma, quando comparados aos irlandeses, os africanos foram os mais prejudicados durante a crise de 2010. Infelizmente os sul-americanos estão no grupo “resto do mundo”, dificultando a análise de brasileiros no mercado de trabalho irlandês durante a crise (KELLY et al., 2016).

Complementando a pesquisa abordada anteriormente, Cross e Turner (2022) também avaliaram o desempenho dos imigrantes no mercado de trabalho irlandês. Eles identificaram que em 1998 os irlandeses tinham os mesmos, se não até melhores condições de trabalho que os não-irlandeses. Nesse ano, da população empregada, 43% dos irlandeses estavam trabalhando em empregos inferiores, contra 36% dos imigrantes; 51% dos imigrantes tinham melhor educação, contra 30% dos irlandeses. Em 2019, quase 20 anos depois, o comportamento do mercado de trabalho já era diferente, e houve uma redução nos níveis de integração e assimilação dos imigrantes. Por mais que o percentual de não-irlandeses com o nível educacional mais alto fosse maior do que o de irlandeses, 31% dos imigrantes estavam em trabalhos mais precários, contra 23% dos irlandeses. **Os imigrantes tendem a ter empregos de baixa qualificação quando comparados aos nativos, mesmo com o mesmo nível de escolaridade – até mesmo níveis melhores** (CROSS; TURNER, 2022). Além disso, o percentual de imigrantes proprietários de um imóvel foi de 80% em 1998 para 29% em 2019, conforme tabela abaixo.

Tabela 4 - Percentual de irlandeses e não-irlandeses: determinadas características (1998 x 2019)

	1998		2019	
	Irlandeses	Não-irlandeses	Irlandeses	Não-irlandeses
Trabalhando em piores trabalhos	43%	36%	23%	31%
Trabalhando em melhores trabalhos	29%	41%	45%	41%
Trabalhando part-time	18%	17%	23%	16%
Nível educacional baixo	27%	15%	12%	5%
Nível educacional alto	30%	51%	49%	58%
Proprietário de um imóvel	84%	80%	78%	29%

Fonte: Elaborado a partir de Cross e Turner (2022).

A hipótese inicial dos autores era de que em 1998 a maior parte dos imigrantes na Irlanda eram europeus, ou seja, tinham um nível cultural e um idioma mais próximo dos nativos irlandeses, e por isso tinham as mesmas, se não melhores, realidades no mercado de trabalho. A imigração faz os não-nativos terem dificuldade de usarem toda sua qualificação no mercado de trabalho do país de destino, e a diferente de cultura e língua ajuda nisso (CROSS; TURNER, 2022). Eles também têm mais barreiras para promoções, para aumento de salários e para atingir cargos mais elevados nas empresas,

o que pode estar associado à não familiaridade com as regras sociais e a cultura do mercado de trabalho.

A tabela abaixo mostra que 51% dos leste-europeus (NMS) estão em piores trabalhos, contra 23% dos irlandeses. Também são os que possuem menor percentual de níveis altos de educação, e são proporcionalmente menos proprietários de imóveis. Já 54% dos imigrantes do resto do mundo estão trabalhando em posições melhores de trabalho, o que pode ter relação que parte desse grupo precisa de visto para residir e trabalhar no país, ou seja, quando imigram já possuem trabalho fixo no país, enquanto os leste-europeus, por terem livre circulação na UE, se deslocam para a Irlanda ainda sem um emprego, encontrando apenas os mais precários (CROSS; TURNER, 2022). Ambos os grupos teriam barreiras linguísticas, mas o NMS teria uma cultura mais próxima da cultura irlandesa quando comparadas às nacionalidades do resto do mundo. A tabela mostra que mesmo assim eles são os menos assimilados e adaptados com o mercado de trabalho irlandês.

Tabela 5 - Percentual de não-irlandeses com determinadas características por nacionalidade (2019)

	Irlandeses	UK	UE13	NMS	Resto do mundo
Trabalhando em piores trabalhos	23%	24%	10%	51%	18%
Trabalhando em melhores trabalhos	45%	52%	57%	23%	54%
Trabalhando part-time	23%	18%	9%	18%	19%
Nível educacional baixo	12%	7%	1%	6%	3%
Nível educacional alto	49%	63%	77%	38%	75%
Proprietário de um imóvel	78%	67%	31%	22%	19%

Fonte: Elaborado a partir de Cross e Turner (2022).

A questão discriminatória também pode ser colocada em pauta quando se discute as diferenças entre os nativos e os imigrantes no mercado de trabalho. Baseado na pesquisa da QNHS de autorrelatos de discriminação dos empregados da Irlanda em 2004 e 2010, Kingston, McGinnity e O'Connell (2015) identificaram que não houve aumento da discriminação em contratações em 2010, considerado início da Grande Recessão da Irlanda, mas que os recrutadores do mercado de trabalho irlandês possuem preconceitos com diferentes grupos de etnia, o que prejudica principalmente os imigrantes – o que acontece não só na Irlanda, mas em todos os outros países.

Discriminação no mercado de trabalho pode ser definida como “sentimentos e crenças negativas que influenciam comportamentos contra um grupo” (KINGSTON; McGINNITY; O’CONNELL, 2015). A tendência é que um grupo sofra mais discriminação se as diferenças forem mais visíveis ou se a cultura for diferente dos demais, tornando um grupo menos favorecido do que um outro, em um processo de discriminação “passivo-agressivo”. Os empregadores usam a raça/nacionalidade como um guia para avaliar os requisitos de trabalho na falta de outras informações, e os utilizam como um estereótipo/preconceito com relação à pessoa. A discriminação também pode estar associada às diferentes regras e leis para determinadas nacionalidades, como é o exemplo da Irlanda, onde os europeus possuem livre acesso ao mercado de trabalho de lá, enquanto os latino-americanos precisam de um documento (o visto) para permanecer e trabalhar no país (KINGSTON; McGINNITY; O’CONNELL, 2015).

Dessa forma, como foi visto nos parágrafos anteriores, por mais que em algumas situações os imigrantes tenham estudado por mais anos e sejam mais qualificados, eles ocupam piores cargos de trabalho em setores mais precários da economia, como o setor de serviços (KELLY et al., 2016). Isso mostra um **comportamento ineficiente economicamente do mercado de trabalho**, que por conta de preconceitos prefere a contratação de pessoas da mesma etnia e cultura, mas menos qualificadas. Uma das soluções para essa ineficiência é mais informações para os recrutadores quanto aos imigrantes, reduzindo o gap entre a realidade e o estereótipo. Outra forma é via procedimentos formais de recrutamentos de seleção que ajudam a tirar o favoritismo das decisões. Além disso, talvez a forma mais eficiente e que já é muito discutida em todos os âmbitos da sociedade moderna é a inclusão e diversificação das minorias no local de trabalho, que ajuda as pessoas a quebrarem estereótipos sobre uma cultura, etnia e raça (KINGSTON; McGINNITY; O’CONNELL, 2015).

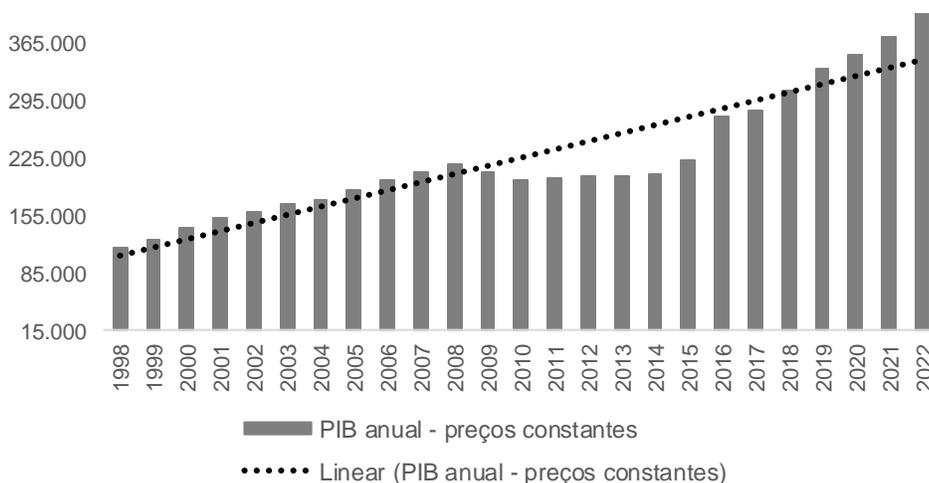
3 MERCADO DE TRABALHO IRLANDÊS DURANTE A PANDEMIA

Os dados disponibilizados pelo CSO são restritos a algumas tabelas. A grande maioria das tabelas partem de 1998, com dados trimestrais, e contemplam o período até o primeiro trimestre de 2023. A análise a seguir utiliza estatística descritiva para chegar a algumas conclusões sobre o comportamento do mercado de trabalho irlandês em momentos de crise, principalmente sobre o que aconteceu durante a pandemia da Covid-19. O objetivo do estudo é uma tentativa de identificar padrões no mercado de trabalho da Irlanda, assim como entender quem são os mais prejudicados em momentos de crise.

3.1 PANORAMA GERAL DA ECONOMIA IRLANDESA

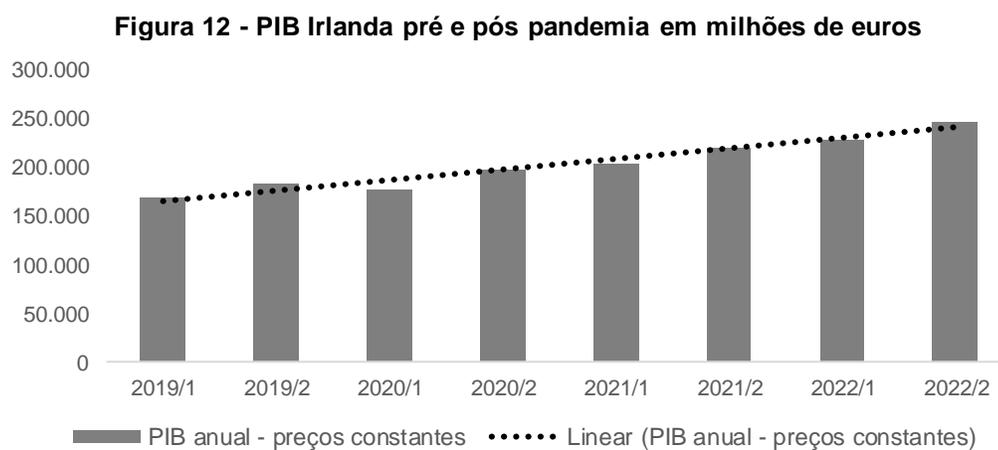
A Irlanda já foi considerada uma das economias mais pobres da Europa, e hoje é vista como uma das mais estáveis. Observando o histórico do Produto Interno Bruto (PIB) de 1998 até 2022 (figura 11), a Irlanda possui um crescimento quase constante. Durante o período da Crise dos PIIGS de 2008 identificou-se uma queda significativa no PIB, que volta a recuperar as taxas de crescimento em 2015. Desde então, o PIB irlandês só cresceu – inclusive em 2020 e 2021, anos de lockdown em razão da pandemia da Covid-19.

Figura 11 - PIB Irlanda em milhões de euros (1998 a 2022)



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Na figura 12 abaixo, aplicou-se uma lupa de 2019 até 2022, e abrindo os anos semestralmente identifica-se que o PIB da Irlanda teve uma leve queda (comparado ao semestre anterior) apenas no primeiro semestre de 2020 – período caracterizado pela primeira onda da Covid-19. Esses dados ajudam a concluir que **a Irlanda não teve o seu PIB afetado pela pandemia, e que conseguiu se recuperar rapidamente do primeiro choque de demanda devido ao lockdown.**



Fonte: elaborada pelo autor (2023).

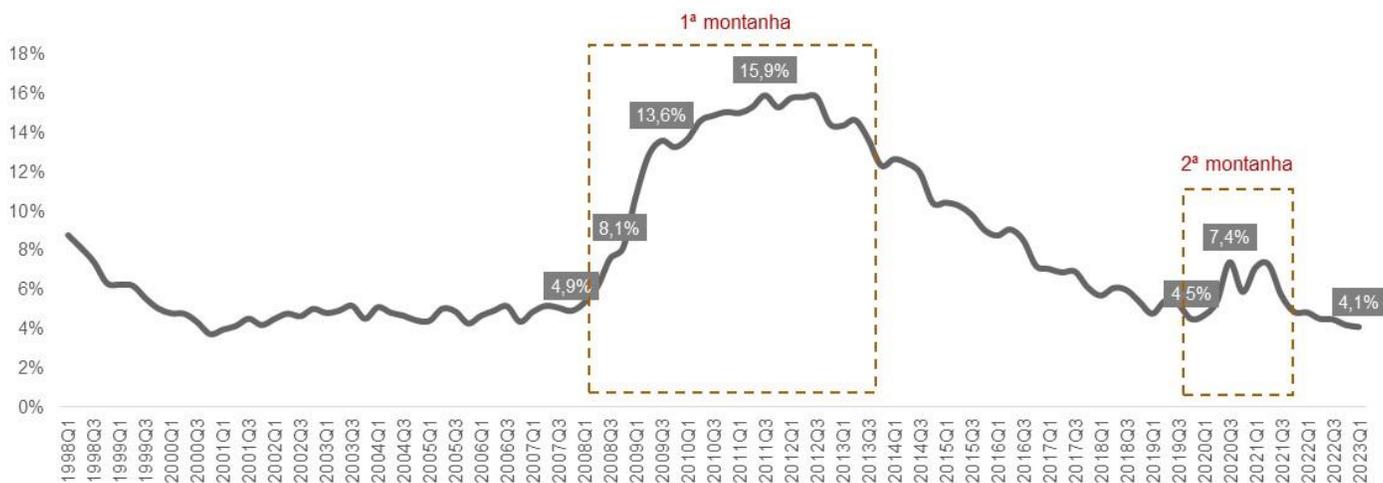
As duas figuras anteriores mostram dois períodos preocupantes para a economia da Irlanda e que podem ser objetos de estudo: o período de crise profunda de alguns países da Europa, de 2008 até 2014 – conhecido como Crise dos Tigres Celtas, ou Crise dos PIIGS –, e o primeiro semestre de 2020 – primeiras medidas de lockdown devido a pandemia. O foco do estudo a seguir é o mercado de trabalho e como ele foi afetado, principalmente para os imigrantes, durante a pandemia.

3.2 MERCADO DE TRABALHO DA IRLANDA DURANTE A PANDEMIA: VARIÁVEIS GERAIS

O mercado de trabalho irlandês possui dois períodos que precisam de atenção: de 2008 até 2014 (Crise dos PIIGS), e em 2020 e 2021 (pandemia Covid-19). Até 2008, a taxa de desemprego acompanhou a lógica de crescimento do PIB e se manteve quase constante, na linha dos 5% de desemprego. A partir de 2008 observa-se um rápido

crescimento do desemprego, como mostra a figura 13 – destacado como o 1º pico. A taxa de desemprego desse período foi a mais alta do período em que se tem dados (a partir de 1998), e chegou a 15,9% em 2011. Assim se manteve até 2013, quando começou a cair lentamente. No início de 2019, a taxa de desemprego se recuperou, e atingiu novamente os patamares de 2007, depois de quase 12 anos. Com o início da pandemia da Covid-19 e do lockdown, a figura abaixo mostra um 2º pico – muito menor que a anterior, mas um crescimento do desemprego. No terceiro trimestre de 2020 a taxa de desemprego atingiu 7,4%, a maior desde 2016. Os períodos críticos comentados estão destacados na figura 13 abaixo.

Figura 13 - Taxa de desemprego geral (1998 a 2023)



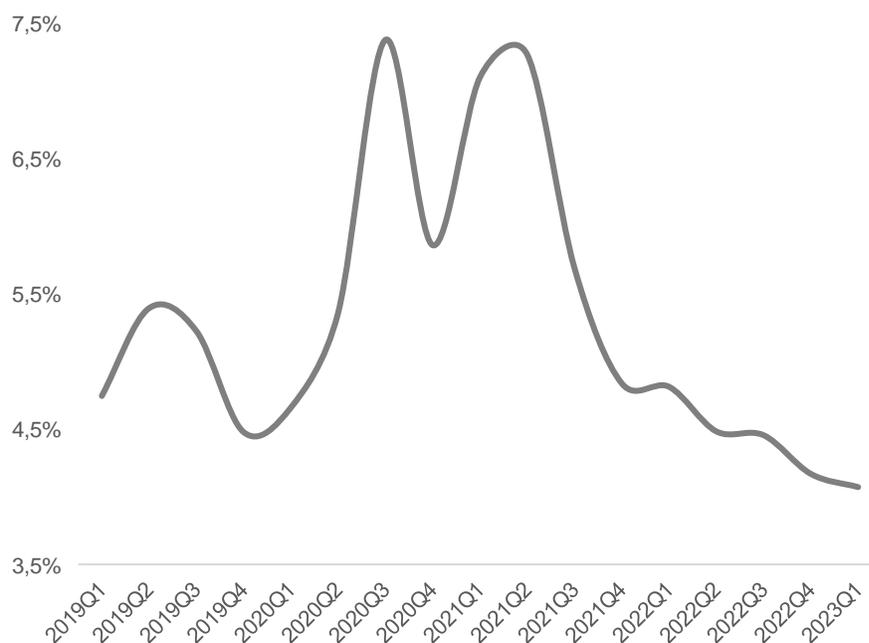
Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Considerando que o objeto de estudo deste trabalho é o período de pandemia da Covid-19, é necessário aplicar uma lupa no 2º pico, como mostra a figura 14. Depois do primeiro pico da taxa de desemprego no terceiro trimestre de 2020, a taxa de desemprego cai -1,5pp no próximo trimestre. Esse movimento aconteceu devido às medidas do governo de proteção do mercado de trabalho, conforme comentado no tópico 2.1.5.3. Porém o que não se esperava era uma segunda onda do vírus, que levou a um novo lockdown da economia, onde identificamos o segundo pico do período da taxa de desemprego, que no primeiro e segundo trimestre de 2021 ficou na faixa dos 7%.

A partir do terceiro trimestre de 2021, ou seja, um ano depois do pior momento da pandemia para o mercado de trabalho irlandês, a taxa de desemprego caiu -1,6p.p, e

mantém essa tendência de queda até o final dos dados disponíveis (primeiro trimestre de 2023). A última medição da taxa de desemprego que se tem conhecimento até a escrita deste estudo foi de 4,1%, a menor em 20 anos, **o que demonstra que o mercado de trabalho irlandês se recuperou muito rapidamente dos impactos do lockdown.**

Figura 14 - Taxa de desemprego geral (2019 a 2023)



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Tabela 6 - Taxa de desemprego (2019 a 2023)

Quarter	Taxa de desemprego	Var.
2019Q1	4,7%	-
2019Q2	5,4%	0,6pp
2019Q3	5,2%	-0,2pp
2019Q4	4,5%	-0,7pp
2020Q1	4,7%	0,2pp
2020Q2	5,4%	0,7pp
2020Q3	7,4%	2,0pp
2020Q4	5,9%	-1,5pp
2021Q1	7,1%	1,2pp
2021Q2	7,3%	0,2pp
2021Q3	5,7%	-1,6pp
2021Q4	4,8%	-0,9pp

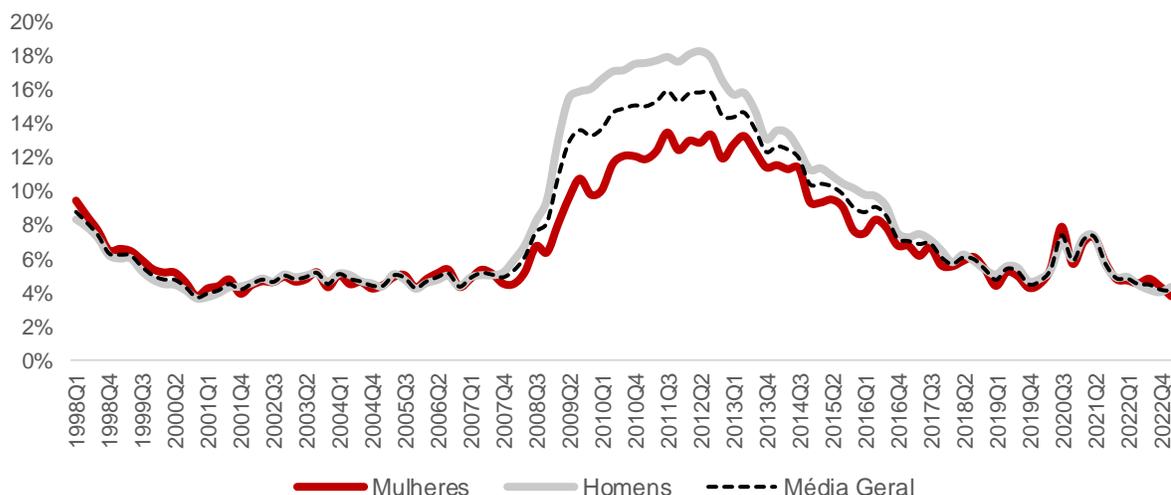
2022Q1	4,8%	0,0pp
2022Q2	4,5%	-0,3pp
2022Q3	4,5%	0,0pp
2022Q4	4,2%	-0,3pp
2023Q1	4,1%	-0,1pp

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Essa recuperação rápida pode ser atribuída à ação eficiente do governo irlandês para proteger a economia e o mercado de trabalho, que criou dois subsídios para a população, o PUP e EWSS (conforme mencionado no tópico 2.1.5.3). O governo interpretou o desemprego como um choque causado por uma questão de saúde mundial, e não como um desemprego anticíclico. O resultado das medidas criadas atingiu as expectativas, e a taxa de desemprego da Irlanda, logo depois da abertura total pós lockdown, já estava nos níveis pré-pandemia.

A questão de gênero também é muito discutida quando o assunto é mercado de trabalho. O que se percebe no caso da Irlanda é que em anos normais, de crescimento da economia, a diferença nas taxas de desemprego entre homens e mulheres é quase nula, conforme mostra a figura abaixo. De 1998 até o primeiro trimestre de 2008, a taxa de desemprego das mulheres e dos homens é praticamente a mesma – quase não é possível enxergar graficamente uma diferença entre as linhas. Até que em 2008, com o início da crise dos Tigres Celtas, percebe-se um grande descolamento das linhas: no auge da crise, no terceiro trimestre de 2011, em que a taxa de desemprego geral foi de 15,9%, a dos homens foi 2pp mais alta – sendo 5,3pp mais alta que a taxa de desemprego das mulheres no mesmo período. Conforme a economia irlandesa foi se recuperando da crise, a taxa de desemprego foi caindo e a diferença entre o desemprego entre homens e mulheres também foi diminuindo.

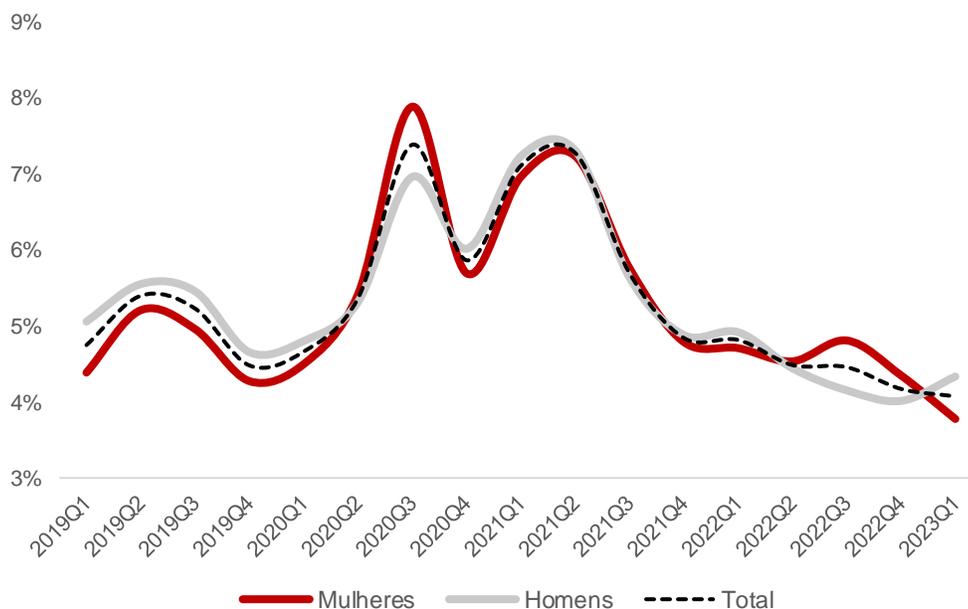
Figura 15 - Taxa de desemprego por gênero (1998 a 2022)



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Na figura 15 acima não é possível visualizar o período da pandemia de Covid-19, por isso se fez necessário aplicar uma lupa em cima do período de 2019 até 2023 – representado pela figura 16. O que aconteceu no período foi que na primeira onda de Covid-19 a taxa de desemprego das mulheres foi superior a dos homens em 1pp (a maior diferença do período). Logo depois, no que foi entendido pelo mundo como a segunda onda de Covid-19, a taxa de desemprego dos homens ficou levemente acima novamente da das mulheres, e logo depois as diferenças ficaram mínimas de novo. Nessa curva é possível entender que as mulheres foram as mais prejudicadas no período, que pode indicar uma maior participação em trabalhos que foram mais afetados pela pandemia, ou também uma confirmação de razões estruturais machistas, onde muitas mulheres se ausentam do trabalho para cuidar dos filhos, pais e familiares, enquanto os homens seguem trabalhando. No período da pandemia, as mulheres tiveram um aumento das responsabilidades de trabalho não remunerado (cuidado dos filhos e das famílias).

Figura 16 - Taxa de desemprego por gênero (2019 a 2023)



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Ainda envolvendo a figura acima, outra questão perceptível é o fato de como as curvas de desemprego voltaram a se estabilizar rapidamente durante a Covid-19, muito em razão das **ações que o governo irlandês tomou para proteger os empregos**, as empresas e a demanda como um todo. A tabela 7 mostra como, a partir do primeiro trimestre de 2020 (início da pandemia) a taxa de desemprego já começou a subir. Do segundo para o terceiro trimestre deste mesmo ano, a taxa de desemprego das mulheres cresceu 45,5%, quase dobrando, enquanto a dos homens cresceu 31%. No último trimestre de 2020, a taxa de desemprego praticamente já esteve a mesma entre os dois, evidenciando uma rápida recuperação das mulheres em relação ao desemprego. Outro ponto interessante é que a partir do terceiro trimestre de 2021 as taxas de desemprego só caíram: o mercado de trabalho da Irlanda estava recuperado e já estava encontrando os patamares anteriores à pandemia.

Tabela 7 - Taxa de desemprego por gênero (2019 a 2023)

	<i>Taxa de Desemprego</i>		<i>Var. Desemprego</i>	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
2019Q1	4,4%	5,1%	-18,2%	-5,5%
2019Q2	5,2%	5,5%	18,7%	9,7%
2019Q3	5,0%	5,5%	-4,8%	-1,7%
2019Q4	4,3%	4,7%	-13,8%	-14,7%
2020Q1	4,5%	4,8%	5,2%	3,1%
2020Q2	5,4%	5,3%	20,4%	10,6%
2020Q3	7,9%	7,0%	45,5%	31,0%
2020Q4	5,7%	6,0%	-27,8%	-13,6%
2021Q1	7,0%	7,2%	22,3%	20,2%
2021Q2	7,2%	7,3%	3,9%	1,1%
2021Q3	5,8%	5,6%	-20,4%	-22,9%
2021Q4	4,8%	4,9%	-16,8%	-13,4%
2022Q1	4,7%	4,9%	-1,7%	0,8%
2022Q2	4,5%	4,4%	-3,7%	-9,7%
2022Q3	4,8%	4,2%	6,0%	-6,5%
2022Q4	4,3%	4,0%	-9,6%	-3,3%
2023Q1	3,8%	4,3%	-13,2%	8,0%

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

É consenso que a idade também influencia muito no desemprego, e no caso da Irlanda não é diferente. O que se compreende é que as faixas de idade entre 15-19 anos e 20-24 anos são as mais afetadas pelo desemprego em momentos de crise. Durante a pandemia, a taxa de desemprego dos jovens de 15-19 anos chegou a 28%, quase 4x mais a taxa geral de desemprego. Isso significa que no terceiro trimestre de 2020, quase 3 a cada 10 jovens irlandeses estavam desempregados e em busca de emprego. Na segunda onda de Covid, no segundo trimestre de 2021, a taxa de desemprego da mesma faixa foi de 33%, também muito alta. Assim como na média geral de idades, as mulheres mais jovens foram mais atingidas que os homens mais jovens pelo desemprego nesse período. No primeiro trimestre de 2021, por exemplo, a taxa de desemprego das mulheres de 15-19 anos era de 35%, enquanto a dos homens era de 18% - quase o dobro de chance de uma mulher jovem estar desempregada quando comparada ao homem jovem.

Considerando que os jovens foram os mais atingidos no mercado de trabalho da Irlanda durante a pandemia, supõe-se que como a grande maioria dos jovens também é estudante, o tipo de emprego que mais perdeu postos de trabalho durante o período foi

o *part-time* (meio período). No último trimestre de 2019, a Irlanda tinha 4,7 milhões de empregos ativos: 79% full-time (40h semanais) e 21% part-time (20h semanais). Do primeiro para o segundo trimestre de 2020, 418 mil postos de trabalho foram perdidos. Destes, 53% eram empregos part-time, diferente e desproporcional à distribuição do final de 2019, o que mostra um impacto maior da pandemia nos trabalhos *part-time* (em grande maioria ocupado pelos mais jovens, estudantes).

Tabela 8 - Emprego por tempo de trabalho: full-time vs part-time (2019Q4 a 2021Q4)

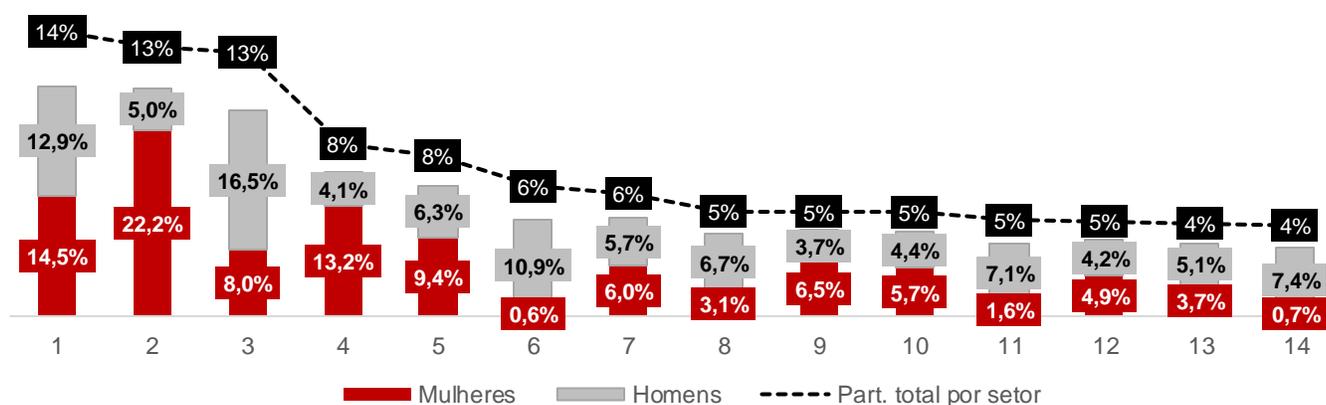
<i>Em milhares</i>	2019Q4	2020Q1	2020Q2	2020Q3	2020Q4	2021Q1	2021Q2	2021Q3	2021Q4
Empregos ativos	4.706	4.694	4.276	4.499	4.553	4.461	4.698	4.941	5.010
Full-time	3.720	3.718	3.536	3.643	3.691	3.581	3.735	3.869	3.888
<i>% Full-time</i>	79,1%	79,2%	82,7%	81,0%	81,1%	80,3%	79,5%	78,3%	77,6%
Part-time	972	950	729	829	841	867	937	1.055	1.095
<i>% Part-time</i>	20,7%	20,2%	17,0%	18,4%	18,5%	19,4%	20,0%	21,3%	21,8%
Not Underemployed	761	730	533	612	642	649	687	839	873
<i>% not underemployed</i>	78,2%	76,9%	73,1%	73,9%	76,3%	74,9%	73,3%	79,6%	79,8%
Underemployed	208	217	174	209	184	202	237	213	213
<i>% underemployed</i>	21,4%	22,9%	23,8%	25,2%	21,8%	23,2%	25,3%	20,2%	19,5%

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

O centro de estatística da Irlanda divide o trabalho *part-time* em dois: *Not Underemployed* e *Underemployment*. O primeiro se refere às pessoas que estão em trabalho part-time porque ainda estão estudando, por exemplo, e só podem trabalhar 20h semanais. Já o segundo se refere às pessoas que poderiam estar trabalhando 40h semanais, mas por algum motivo não estão – por falta de trabalhos *full-time* e outras necessidades pessoais, por exemplo. No final de 2019, 21% dos empregados *part-time* eram *Underemployment*, ou seja, poderiam estar trabalhando *full-time* mas não estavam. Com o avanço da pandemia nos primeiros trimestres de 2020, o percentual de participação desse grupo aumentou, chegando em 25,4% no 2020Q3, mostrando uma tendência dos empregadores de diminuir a carga horária de trabalho, pagando menos e lidando com a queda da demanda nos setores. Entretanto, dos 221 mil empregos perdidos part-time nesse mesmo período, 89,4% foram de *Not Underemployment*, o que pode significar que os estudantes foram os mais atingidos, colaborando com os dados anteriores de que os mais jovens foram os mais impactados durante a crise.

No pré-pandemia, o mercado de trabalho da Irlanda era majoritariamente representado pelo setor de varejo, saúde e indústria, que juntos representavam 40% do total de empregos do país, conforme mostra a figura abaixo. O setor de saúde, segundo maior do mercado de trabalho irlandês, também é o setor que mais emprega mulheres, tendo 22% do total dos empregos femininos. Já o setor industrial, terceiro maior do país (que representa 13% do total de empregos), é o setor que mais emprega homens – 16,5% dos homens empregados trabalham na indústria.

Figura 17 - Participação por gênero por setor de emprego (2019Q4)



1	Wholesale and retail trade, repair of motor vehicles and motorcycles (G)	8	Information and communication (J)
2	Human health and social work activities (Q)	9	Other NACE activities (R to U)
3	Industry (B to E)	10	Public administration and defence, compulsory social security (O)
4	Education (P)	11	Transportation and storage (H)
5	Accommodation and food service activities (I)	12	Financial, insurance and real estate activities (K,L)
6	Construction (F)	13	Administrative and support service activities (N)
7	Professional, scientific and technical activities (M)	14	Agriculture, forestry and fishing (A)

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Na primeira onda de Covid-19, os setores que mais sofreram foram aqueles que também foram os mais impactados pelo lockdown em si: *Accommodation and food service activities* reduziu o número de vagas quase pela metade (-47,5% vs 2019Q4), seguido por *Administrative and support service activities* (-28,4% vs 2019Q4) e *Transportation and storage* (-22,7% vs 2019Q4). A redução em quase pela metade no setor de Acomodação e Alimentação colabora com os dados analisados nos parágrafos

anteriores, de que os jovens e de que o trabalho *part-time not underemployment* foram os mais impactados pelo lockdown, visto que esse é um setor que emprega bastante esse grupo.

Tabela 9 - Variação de empregos por setor (ondas Covid-19)

<i>Em milhares</i> Setor	<i>Pré Pandemia (2019Q4)</i>	<i>1ª Onda (2020Q2)</i>		<i>2ª Onda (2021Q1)</i>		<i>Pós Pandemia (2022Q4)</i>	
	Empregos	Empregos	Var vs 2019Q4	Empregos	Var vs 2020Q2	Empregos	Var vs 2021Q1
Agriculture, forestry and fishing (A)	197	180	-8,6%	195	8,5%	183	-6,3%
Industry (B to E)	573	571	-0,3%	604	5,9%	646	6,9%
Construction (F)	282	241	-14,5%	235	-2,3%	310	31,5%
Wholesale and retail trade, repair of motor vehicles and motorcycles (G)	619	545	-12,0%	607	11,5%	641	5,4%
Transportation and storage (H)	209	161	-22,7%	161	-0,2%	211	30,9%
Accommodation and food service activities (I)	350	184	-47,5%	159	-13,5%	327	105,9%
Information and communication (J)	228	247	8,0%	251	1,7%	308	22,7%
Financial, insurance and real estate activities (K,L)	206	228	10,8%	208	-8,9%	232	11,7%
Professional, scientific and technical activities (M)	267	251	-6,0%	277	10,5%	320	15,5%
Administrative and support service activities (N)	202	145	-28,4%	129	-10,7%	190	46,7%
Public administration and defence, compulsory social security (O)	226	227	0,3%	233	2,7%	264	13,3%
Education (P)	375	339	-9,6%	402	18,6%	396	-1,5%
Human health and social work activities (Q)	585	553	-5,5%	575	4,0%	662	15,2%

Other NACE activities (R to U)	227	145	-36,2%	139	-3,9%	204	46,3%
--------------------------------	-----	-----	--------	-----	-------	-----	-------

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Durante a 2ª onda, os três setores citados acima seguiram em queda (quando comparados à 1ª onda), com o setor de Acomodação e Alimentação reduzindo em mais da metade o número de empregos quando comparado ao final de 2019 (período pré-pandemia). A Irlanda é muito famosa por seus bares e pubs e atrai milhares de turistas da Europa. Durante o lockdown as viagens foram muito restritas, o que pode justificar essa queda acima da média no setor. Entretanto, no último trimestre de 2022, que foi considerado na análise como pós pandemia, com a economia já recuperada, Acomodação e Alimentação já haviam recuperado quase que totalmente o número total de empregos do período pré pandemia de 2019, demonstrando que foi algo momentâneo causado pelo lockdown. Além dos três setores já citados, o setor de Construção diminuiu -16,5% entre o período pré pandemia (2019Q4) e a 2ª onda (2021Q1), que também é um setor que concentra um número importante de jovens. O mesmo não só recuperou o mercado que tinha antes da pandemia, como aumentou, fechando o ano de 2022 com 310 mil empregos, contra 282 mil no final de 2019;

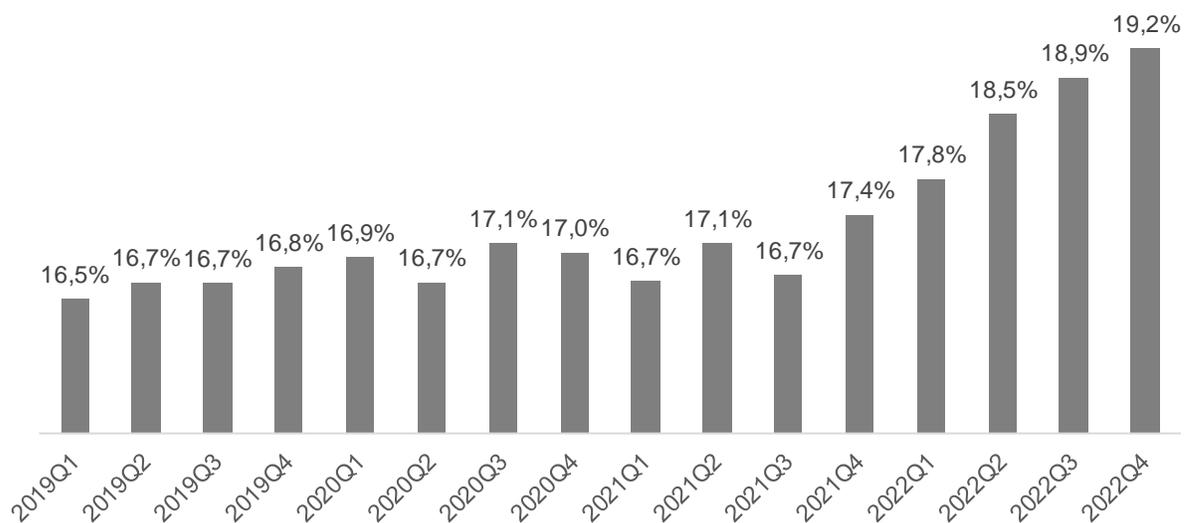
Além disso, durante a 1ª onda de Covid-19 as mulheres sofreram mais com o desemprego do que os homens. No setor de Acomodação e Alimentação, a queda do número de empregos entre homens e mulheres foi quase a mesma, em torno dos 47,5%. Mas durante a 2ª onda as mulheres perderam ainda mais postos de trabalho nesse setor (-19% vs -5% de homens). Já no setor Administrativo, o número total de mulheres empregadas durante 2020Q2 reduziu -35% (contra -24,37% dos homens).

3.3 PANDEMIA DA COVID-19 E OS IMIGRANTES NO MERCADO DE TRABALHO IRLANDÊS

O processo migratório é muito importante para o mercado de trabalho nos países desenvolvidos. A imigração nos momentos de crescimento econômico reduz a pressão sobre a oferta de trabalho, mantendo os salários estáveis, enquanto a emigração nos momentos de crise alivia as tensões sobre o desemprego. Durante a pandemia da Covid-

19, entretanto, a participação dos imigrantes no mercado de trabalho irlandês se manteve no nível pré-pandemia, conforme figura abaixo. A partir do final de 2021 a Irlanda flexibilizou as restrições de viagens para o país, o que pode justificar o crescimento da participação de mão de obra imigrante a partir deste período. A rápida recuperação da economia irlandesa e as boas perspectivas quanto ao seu crescimento podem ter incentivado a imigração para o país também. Além disso, todas as pessoas que estavam preparadas para se mudar para o país durante a pandemia precisaram esperar, e acabaram imigrando todos juntos no pós pandemia, aumentando a participação desse grupo no mercado de trabalho.

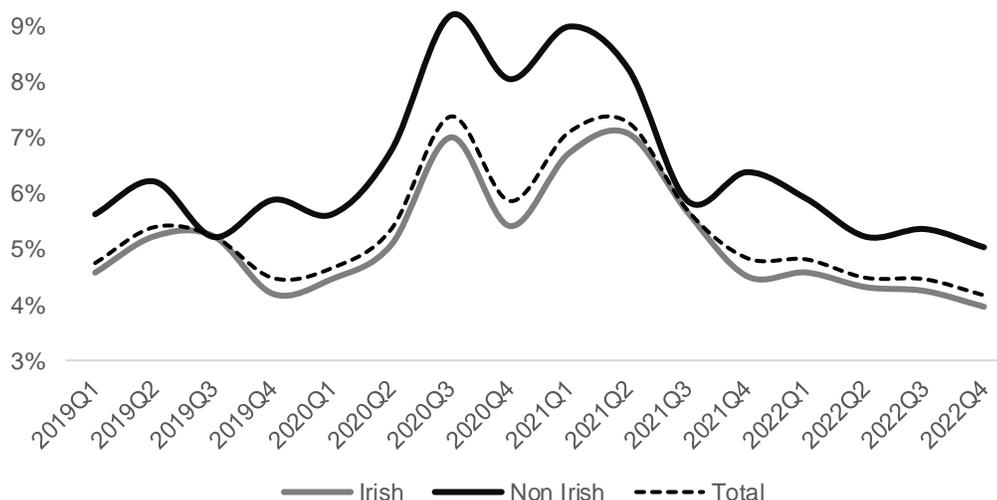
Figura 18 - Participação imigrantes no Mercado de Trabalho irlandês



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Como mencionado nos tópicos anteriores, os imigrantes normalmente sofrem mais com o desemprego nos momentos de crises econômicas do que os nativos. Dentre os motivos encontram-se o nível de qualificação, a proficiência na língua do país de destino, o tipo de ocupação e setor de trabalho, e até outros fatores sociais como xenofobia e discriminação. No caso da Irlanda, o desemprego de imigrantes já é maior do que o de nativos em períodos de estabilidade (em torno de 1p.p), mas a diferença se acentua em momentos de crise econômica. Durante a pandemia isso não foi diferente, conforme a figura 19.

Figura 19 - Taxa de desemprego irlandeses vs não-irlandeses (2019 a 2022)



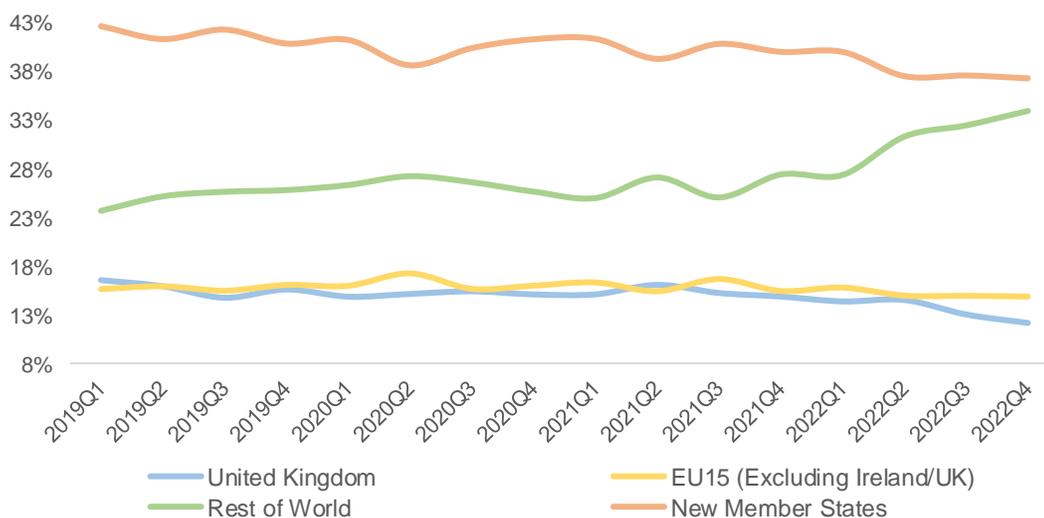
Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Durante a primeira onda de Covid-19 (2020Q3), a taxa de desemprego dos irlandeses nativos foi de 5,1%, enquanto dos não-irlandeses foi de 6,8% - diferença de 1,7pp. Já na segunda onda (2021Q1), a taxa de desemprego dos imigrantes chegou a 9,0%, uma diferença de 2,3pp para os nativos. É claro esse desemprego não chega aos patamares do período da Grande Recessão, em que o desemprego entre os não-irlandeses foi de 17,5% (diferença de 3,0pp para os nativos) (KELLY et al., 2016), mas a diferença entre os dois grupos se aproxima, **demonstrando que no período da Covid-19 os nativos tiveram uma vantagem comparativamente aos imigrantes assim como na Grande Recessão**. Quando o mercado de trabalho começa a se recuperar, a partir do terceiro trimestre de 2021, a diferença nas taxas de desemprego volta para a casa do 1pp.

Por mais que os imigrantes tenham sofrido mais durante a pandemia do que os nativos, com relação ao número de empregos se observou que em 2022Q4 o número de imigrantes empregados encontrava-se 25% mais do que em 2020Q1, enquanto durante o mesmo período o crescimento de irlandeses empregados cresceu somente 7%. Apesar desse número demonstrar que os imigrantes já superaram e já recuperaram o número de empregos na Irlanda no pós-pandemia, o choque nos empregos na primeira onda (2020Q2) e na segunda onda de Covid-19 (2021Q1) foi maior para os não-nativos: em 2020Q2, os imigrantes perderam 10,8% de emprego de um trimestre para o outro,

enquanto os nativos perderam 8,5%; na segunda onda, os imigrantes perderam 7,4%, enquanto os irlandeses 4,5%. Ademais, quando analisada a abertura de empregos full-time e part-time no período, não foram observadas diferenças entre nativos e não-nativos. Com relação aos grupos de nacionalidades, não se observou alterações nas participações durante a pandemia. Porém, a partir do início de 2022, a participação no mercado de trabalho dos imigrantes do “resto do mundo” começou a crescer, indo dos 25% para os 33% no final do mesmo ano, quase se igualando à participação de NMS (imigrantes do leste-europeu). A fim de conhecimento, o grupo EU15 são os países que faziam parte da UE até 2004, excluindo a Irlanda e o Reino Unido, que têm os seus próprios grupos no banco de dados da CSO. Infelizmente a pesquisa trimestral do mercado de trabalho irlandês (QNHS) não coleta dados de nacionalidade isoladamente, portanto não é possível analisar quais são as nacionalidades que mais representaram o crescimento do grupo Resto do Mundo. Além disso, o grupo de norte-americanos foi ocultado do gráfico por representar apenas 1,5% dos imigrantes no mercado de trabalho irlandês.

Figura 20 - Participação no Mercado de Trabalho por nacionalidade (2019 a 2022)



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

A tabela abaixo resume as taxas de desemprego por grupo de nacionalidade de 2019 até 2022. Não é possível identificar um padrão durante a pandemia do grupo que mais sofreu com o desemprego, pois ele variou durante o período. Em 2019Q2, um ano

antes do início do lockdown na Irlanda, a taxa de desemprego dos imigrantes do leste-europeus era de 5,4%, mais baixa do que a média dos não-nativos e mais baixa inclusive dos britânicos (6,8%). Os imigrantes do resto do mundo, junto com os britânicos, eram os grupos que estavam pressionando o desemprego para cima. No terceiro trimestre de 2020, logo depois da primeira onda do Covid-19, a taxa de desemprego do grupo resto do mundo alcançou 11,9%, quase 5pp acima da taxa de desemprego dos nativos, o que representa uma taxa 70% maior. Os leste-europeus também foram impactados, com a taxa de desemprego a 9,0%, 2pp mais alta que a taxa dos nativos. Um fato curioso é que a taxa de desemprego dos europeus do grupo EU15, que nos trimestres antes da pandemia era sempre inclusive menor do que a taxa de desemprego dos nativos, durante a pandemia foi maior, chegando a quase 2pp de diferença – demonstrando que um grupo que em períodos normais tem ótimo desempenho no mercado de trabalho também teve uma desvantagem em relação aos nativos no mercado de trabalho da Irlanda.

Tabela 10 - Taxa de desemprego por nacionalidade (2019 a 2022)

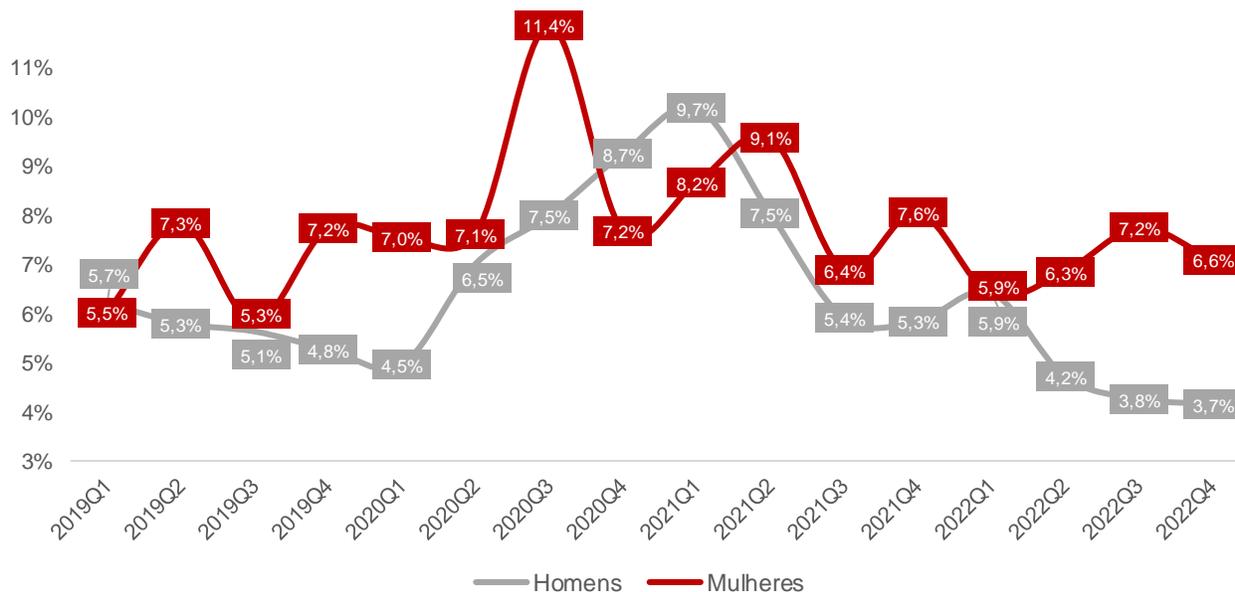
	Total	<i>Irish</i>	<i>Non-Irish</i>	<i>United Kingdom</i>	<i>EU15 (Excluding Ireland/UK)</i>	<i>New Member State (NMS)</i>	<i>Rest of World</i>
2019Q1	4,7%	4,6%	5,6%	7,0%	4,3%	5,2%	6,3%
2019Q2	5,4%	5,2%	6,2%	6,8%	5,3%	5,4%	7,7%
2019Q3	5,2%	5,2%	5,2%	5,1%	4,5%	3,8%	8,5%
2019Q4	4,5%	4,2%	5,9%	7,0%	4,0%	5,8%	6,5%
2020Q1	4,7%	4,5%	5,6%	5,3%	3,1%	5,7%	6,9%
2020Q2	5,4%	5,1%	6,8%	5,5%	4,3%	7,8%	7,2%
2020Q3	7,4%	7,0%	9,2%	8,3%	6,7%	9,0%	11,9%
2020Q4	5,9%	5,4%	8,0%	9,0%	7,0%	7,2%	9,9%
2021Q1	7,1%	6,7%	9,0%	8,1%	7,2%	10,0%	9,9%
2021Q2	7,3%	7,1%	8,2%	6,4%	8,9%	7,8%	9,4%
2021Q3	5,7%	5,7%	5,9%	4,7%	4,4%	7,5%	5,4%
2021Q4	4,8%	4,5%	6,4%	5,9%	5,2%	5,2%	9,3%
2022Q1	4,8%	4,6%	5,9%	6,0%	6,7%	5,7%	6,3%
2022Q2	4,5%	4,3%	5,2%	6,7%	2,2%	4,8%	6,5%
2022Q3	4,5%	4,2%	5,4%	6,3%	4,6%	4,0%	7,0%
2022Q4	4,2%	4,0%	5,0%	5,8%	3,7%	5,0%	5,6%

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Apesar dos demais grupos variarem a taxa de desemprego durante o período da Covid-19 (2020Q2 até 2021Q2), **o grupo resto do mundo desde o início da pandemia esteve com taxas de desemprego acima dos 9%**, sempre acima da taxa total, da taxa dos nativos e da taxa dos imigrantes. Diferentemente da Grande Recessão, em que o grupo mais atingido pela crise tinha sido o de imigrantes do leste-europeu, na Covid-19 ele parecia estar melhor absorvido pelo mercado de trabalho irlandês e conseguiu manter o nível de emprego razoavelmente estável – tendo picos somente nos trimestres caracterizados pelo aprofundamento do lockdown. Entretanto, no pós pandemia é possível observar que todos os grupos já recuperaram o desempenho anterior à crise, inclusive o grupo resto do mundo.

Durante a pandemia, percebe-se que as mulheres imigrantes estiveram com níveis de desemprego acima dos homens, e a curva seguiu um padrão parecido com o desemprego entre homens e mulheres geral (figura 15), ou seja, as mulheres foram mais atingidas na primeira onda (2020Q2 e 2020Q3) e os homens mais atingidos na segunda onda de Covid-19 (2021Q1). A figura abaixo ilustra esse comportamento, também mostrando que em 2022 a taxa de desemprego das mulheres imigrantes ficou em alguns trimestres inclusive maior que a taxa pré-pandemia, enquanto os homens imigrantes estão com um desempenho melhor. Além disso, o desemprego pareceu ser mais estável para os homens, com um crescimento da taxa a partir de 2020Q2, chegando no pico em 2021Q1 e depois em uma constante queda até o último trimestre de 2022, ao contrário das mulheres, que no mesmo período apresentaram taxas de desemprego bastante variáveis de um trimestre para o outro.

Figura 21 - Taxa de desemprego não-irlandeses por gênero (2019 a 2022)



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Além de ter sido observado que as mulheres imigrantes quando comparadas aos homens imigrantes tiveram taxas de desemprego maiores durante a pandemia, **elas também tiveram mais desvantagens que os homens imigrantes quando comparadas às mulheres nativas**. No período do início de 2019 até o final de 2022, a taxa média de desemprego das mulheres nativas foi de 5,1%, enquanto das não-irlandesas foi de 7,5% - diferença de quase 2,5 pp. Os homens imigrantes, entretanto, tiveram uma diferença de somente 0,3 pp na taxa de desemprego no mesmo período quando comparados aos homens irlandeses. Outro fato curioso é que no ano pré-pandemia os homens imigrantes chegaram inclusive a taxas de desemprego menores que os irlandeses, enquanto as mulheres não-irlandesas estiveram durante todo o período com taxas de desemprego superiores às irlandesas, conforme é possível observar na tabela 11. No terceiro trimestre de 2020, por exemplo, a taxa de desemprego das mulheres imigrantes era 4,2 pp maior do que a taxa de desemprego das nativas. Para os homens, essa diferença era de apenas 0,65 pp no mesmo trimestre.

Tabela 11 - Taxa de desemprego não-irlandeses por gênero (2019 a 2022)

	<i>Non-Irish</i>		<i>Dif Non-Irish vs Irish</i>	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
2019Q1	5,7%	5,5%	0,78pp	1,35pp
2019Q2	5,3%	7,3%	-0,31pp	2,55pp
2019Q3	5,1%	5,3%	-0,39pp	0,43pp
2019Q4	4,8%	7,2%	0,14pp	3,55pp
2020Q1	4,5%	7,0%	-0,41pp	3,05pp
2020Q2	6,5%	7,1%	1,44pp	2,02pp
2020Q3	7,5%	11,4%	0,65pp	4,17pp
2020Q4	8,7%	7,2%	3,31pp	1,79pp
2021Q1	9,7%	8,2%	2,95pp	1,44pp
2021Q2	7,5%	9,1%	0,28pp	2,22pp
2021Q3	5,4%	6,4%	-0,28pp	0,75pp
2021Q4	5,3%	7,6%	0,55pp	3,35pp
2022Q1	5,9%	5,9%	1,22pp	1,44pp
2022Q2	4,2%	6,3%	-0,28pp	2,23pp
2022Q3	3,8%	7,2%	-0,48pp	2,99pp
2022Q4	3,7%	6,6%	-0,44pp	2,78pp

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Além dos imigrantes do resto do mundo e das mulheres imigrantes terem sido mais afetadas pela crise resultante da pandemia de Covid-19, os jovens imigrantes também entram nesse grupo – mesmo resultado encontrado no tópico 3.2, em que no total da população irlandesa os jovens também tiveram as maiores taxas de desemprego. Em 2020Q3, a taxa de desemprego total dos jovens de 15-19 anos foi de 28%, enquanto a dos jovens imigrantes foi de 47,7%, quase o dobro. O mesmo aconteceu na segunda onda, quando a taxa total desses mesmos jovens foi de 33%, enquanto para os jovens imigrantes foi de 42,1%. Em todas as faixas de idade acima de 35 anos os imigrantes tiveram taxas de desemprego maiores que os irlandeses no período analisado. Analisando somente o desempenho dos imigrantes durante a Covid-19, os jovens de 15-19 anos saltaram de 5,8% de desemprego em 2020Q1 para 46,3% em 2020Q2, um aumento muito expressivo. Eles seguiram com altas taxas de desemprego, porque diferente das outras faixas de idade que se recuperaram rapidamente ao longo do fim da pandemia, eles mantiveram taxas de 20, 25% de desemprego – muito diferente dos

trimestres anteriores à pandemia. Além disso, é importante destacar que não foram encontradas alterações significativas quanto ao gênero por idade dos imigrantes.

Tabela 12 - Taxa de desemprego não-irlandeses por idade (2019 a 2022)

	15 a 19 anos	20 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 44 anos	45 a 54 anos	55 a 64 anos
2020Q1	5,8%	9,7%	3,8%	6,0%	6,1%	9,9%
2020Q2	46,3%	3,6%	8,4%	4,8%	7,9%	6,8%
2020Q3	47,7%	24,5%	9,9%	6,6%	7,5%	9,9%
2020Q4	20,8%	14,0%	8,9%	6,4%	8,2%	10,5%
2021Q1	42,1%	11,0%	5,6%	9,5%	9,8%	12,4%
2021Q2	30,7%	17,1%	6,1%	6,2%	12,3%	8,1%
2021Q3	12,2%	8,2%	6,1%	5,6%	5,6%	4,7%
2021Q4	34,2%	6,6%	4,4%	6,4%	4,6%	13,7%
2022Q1	27,7%	3,9%	5,0%	4,7%	6,8%	10,6%
2022Q2	32,3%	7,2%	4,4%	4,3%	4,2%	8,7%
2022Q3	25,3%	5,7%	5,3%	4,0%	4,2%	12,3%
2022Q4	7,3%	15,8%	3,7%	3,7%	5,0%	10,4%

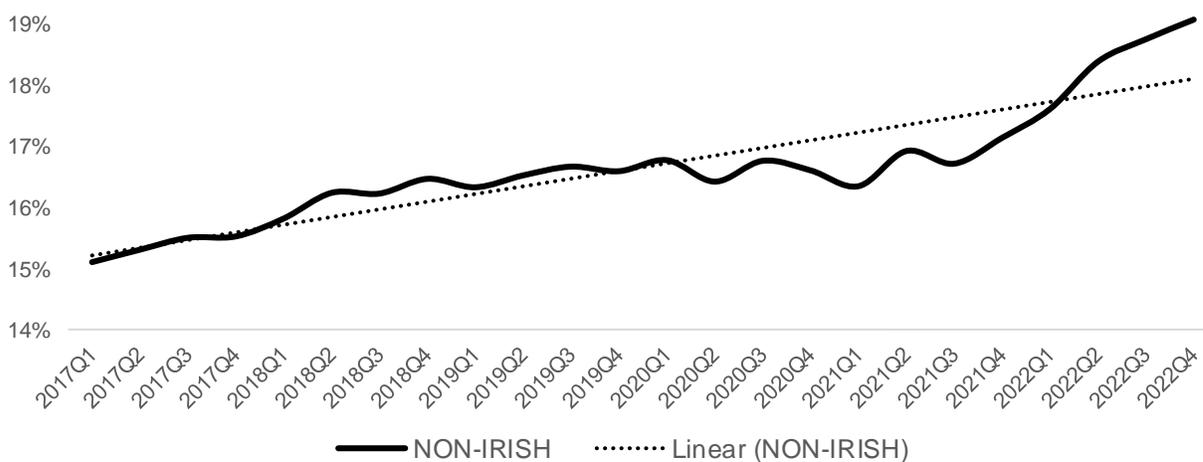
Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Os setores que possuem maior participação de imigrantes são os setores de *Information and communication (J)*, com 35,2% de imigrantes, seguido por *Accommodation and food service activities (I)* e *Administrative and support service activities (N)*, cada um com em torno de 29% de não-irlandeses no total de empregados do setor. Por outro lado, 15% dos imigrantes estavam empregados no setor da Indústria em 2020Q1, 13,7% no setor de *Wholesale and retail trade (G)* e 13% no setor de *Accommodation and food service activities (I)*. Esses números confirmam as teorias mencionadas anteriormente de que o trabalho de imigrantes é majoritariamente no setor de serviços ou de construção, que são mais suscetíveis a momentos de depressão econômica, diferente dos nativos, que normalmente trabalham em escritórios com atividades não-operacionais. Como exemplo disso, enquanto *Accommodation and food service activities (I)* emprega 13% dos imigrantes, apenas 6% dos irlandeses nativos trabalham no setor.

Antes da pandemia, os imigrantes ocupavam 16,61% do total de empregos na Irlanda. Na primeira onda da Covid-19 (2020Q2), a participação caiu -0,2pp, se

recuperando um pouco nos dois trimestres seguintes e caindo novamente na segunda onda (2020Q1) para 16,34%. Olhando historicamente a participação dos imigrantes nos empregos irlandeses desde 2017, ela encontrava-se em uma tendência de alta, até que a pandemia quebrou essa tendência. O destaque importante é que imediatamente após o fim do lockdown, a participação dos imigrantes cresceu acima da linha de tendência, alcançando 19,06% no final de 2022. Esse dado corrobora com os demais números analisados que os imigrantes foram mais atingidos pela pandemia quando comparados aos nativos irlandeses, conforme figura abaixo.

Figura 22 - Participação não-irlandeses no Mercado de Trabalho irlandês (2019 a 2022)



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Considerando que a participação dos imigrantes no total de emprego durante a pandemia foi de em torno de 16%, seguindo a lógica esse grupo deveria perder o mesmo percentual de empregos em cada setor. Do contrário, isso demonstra uma vantagem dos irlandeses nativos sobre eles. Em 2020Q2, o setor *Industry (B to E)* foi o que menos perdeu posições: apenas 1.044. Por outro lado, 95% desses empregos perdidos foram de imigrantes. *Wholesale and retail trade (G)*, o segundo setor que emprega mais imigrantes, perdeu 37.057 empregos, sendo 13% de imigrantes. Nota-se que nesse setor os nativos não tiveram vantagens sobre os não-irlandeses. Já no terceiro setor que mais emprega imigrantes, *Accommodation and food service activities (I)*, 23% das 68.925 posições perdidas no segundo trimestre de 2020 foram de não-nativos. Em 2021Q1,

segunda onda da pandemia, enquanto os nativos perderam -3,81% de emprego no setor de *Accommodation and food service activities (I)* com relação ao trimestre anterior, os imigrantes perderam -20%. *Construction (F)*, outro setor de mão de obra manual, o número de empregos para os irlandeses cresceu 5,14%, enquanto o número de posições de imigrantes reduziu em -42,14%.

De acordo com os números expostos nos parágrafos anteriores, os imigrantes tiveram desvantagens no mercado de trabalho irlandês quando comparados aos nativos no período da crise de Covid-19. Assim como na Grande Recessão em 2009/2012, os mais jovens foram os mais afetados, porém diferente desse período, durante a pandemia as mulheres sofreram bastante, principalmente durante a primeira onda. Uma das hipóteses qualitativas levantadas para isso é o fato de as mulheres serem sempre responsáveis pelo cuidado das crianças e da família – o que pode ter as afastado do mercado de trabalho. Também diferente do período anterior à crise na Irlanda, os imigrantes classificados como Resto do Mundo tiveram piores taxas de desemprego durante a Covid-19, e os Leste-europeus melhores desempenhos. Para esse fato, a hipótese é de que em 2009, durante a primeira grande crise, esse grupo recém-chegado na Irlanda ainda não tinha se adaptado ao mercado de trabalho irlandês culturalmente falando, e barreiras linguísticas podem ter auxiliado nessa desvantagem. Já durante o período da Covid-19 o grupo já estava adaptado, deixando o foco para os imigrantes do resto do mundo.

4 CONCLUSÃO

A Irlanda foi um dos países com maior crescimento e desenvolvimento econômico no início do século XXI. O mercado de trabalho aquecido, alto salário-mínimo e aberto para vistos de trabalho, atraiu imigrantes do mundo inteiro, principalmente do leste-europeu. Isso faz com que quase 19% do mercado de trabalho seja composto por imigrantes (dados do final de 2022), e por esse motivo é necessário estudar e analisar como os imigrantes são tratados pelo mercado de trabalho do país, e se eles possuem as mesmas oportunidades dos irlandeses nativos. Foi identificado que durante a pandemia da Covid-19 o desemprego na Irlanda teve o seu segundo pior momento desde 1998, perdendo somente para o período da Grande Recessão. Por essa razão foi analisado quais foram as desvantagens que os imigrantes tiveram sobre os nativos e como eles se saíram no período de crise econômica por conta do lockdown.

O mercado de trabalho irlandês é composto principalmente pelo setor de serviços, com uma pequena participação da indústria e da agricultura (BERGIN; KELLY REDMOND, 2019). Dentro do setor de serviços, Alimentação e Acomodação tem uma participação representativa, porém é uma área de baixos salários, poucos benefícios e pouca estabilidade. No capítulo de precarização do trabalho, foi observado que o setor de serviços alterou os padrões de jornada de trabalho (OIT, 2009), tornando-os mais flexíveis que a indústria e a agricultura, e possibilitando trabalhos part-time ou noturnos, por exemplo. Além disso, também foi visto que o mercado de trabalho irlandês tem um nível alto de qualificação, o que fez com que grandes empresas de tecnologia como a Google e a Apple se instalassem no país, criando milhares de empregos e desenvolvendo a região. Uma das ações que atraíram essas empresas à Irlanda foi a política de valorização à educação e à P&D que o governo irlandês desempenhou na década de 70 e 80 (SERRANO, 2018).

Neste trabalho foi possível identificar que os nativos tiveram vantagens sobre os imigrantes durante o período da Covid-19 assim como no período da Grande Recessão, mas que as diferenças entre os dois grupos foram menores em 2020 quando comparadas à 2008/2012. Na segunda onda de Covid-19, a diferença entre a taxa de desemprego dos irlandeses e dos não-irlandeses foi de 2,3 pp – que representa 25% maior

probabilidade de desemprego para os imigrantes. O grupo de imigrantes do resto do mundo teve quase 5 pp de taxa de desemprego a mais que os nativos, seguidos pelos leste-europeus, com 2 pp a mais na taxa de desemprego. Esse foi um comportamento diferente do comportamento da crise econômica anterior, em que o grupo mais atingido tinha sido o de leste-europeus. Possivelmente o gap entre esse grupo e o de nativos ficou menor pois eles já estavam assimilados e absorvidos pelo mercado de trabalho irlandês, mais adaptados à cultura local. Os imigrantes representam uma parte importante do setor de serviços, que é mais vulnerável às crises econômicas. Além disso, é um setor normalmente evitado pelos nativos pelas baixas remunerações e longas jornadas e que não exige nível alto de qualificação.

Além dos grupos de nacionalidades já citados, as mulheres em um geral foram as que mais sofreram com o desemprego durante a pandemia de Covid-19. A carga de trabalho não remunerado cresceu durante o período, resultado de um aumento das responsabilidades de cuidado da casa, da família e dos filhos. Mulheres mais jovens e imigrantes foram as mais afetadas, e no final de 2022 seguiram com taxas de desemprego em torno de 3 pp acima da taxa de desemprego dos homens imigrantes.

Felizmente os resultados obtidos mostraram que os imigrantes já superaram e recuperaram os empregos que perderam durante a pandemia, crescendo inclusive em relação às taxas observadas no período pré-pandemia. Em alguns setores, o número de empregos cresceu acima dos nativos irlandeses. Essa recuperação pós Covid-19 está se mostrando muito mais rápida e robusta do que a recuperação pós crise de 2008, principalmente para os imigrantes, justamente pela forte resposta anticíclica monetária e fiscal do governo irlandês, com políticas como o PUP e o EWSS, que protegeu os salários e a capacidade produtiva da economia (McDONNELL, 2021).

Os dados trimestrais do mercado de trabalho da CSO utilizados para realizar a pesquisa não possuem a micro abertura por nacionalidade. Por conta disso, não foi possível avaliar exatamente quais as nacionalidades que compõem o grupo resto do mundo – grupo de nacionalidade mais impactado pela crise. Isso seria importante para entender se o desemprego pode estar ligado à discriminação e preconceito e/ou grandes diferenças culturais entre a Irlanda e o país de origem do imigrante. Essas informações são fornecidas somente pelo Censo, que acontece de quatro em quatro anos na Irlanda,

portanto não seria possível comparar os resultados com os anos de pandemia. Além disso, neste trabalho não foi possível aprofundar os motivos pelos quais as mulheres foram as mais atingidas pela Covid-19, e nem o porquê das imigrantes femininas terem taxas de desemprego tão descoladas das taxas de desemprego dos imigrantes masculinos. Esse poderia ser um objeto de estudo para um futuro trabalho.

Por fim, com o envelhecimento da população e com a queda das taxas de natalidade nos países desenvolvidos, as migrações serão cada vez mais importantes para o desenvolvimento econômico e para o equilíbrio no mercado de trabalho. As autoridades precisam identificar as lacunas de qualificação dos jovens imigrantes dos países em desenvolvimento, que possuem a força de trabalho. Além disso, políticas adequadas para a inserção de mulheres no mercado de trabalho também são essenciais para os próximos anos, visto que este também é um grupo potencial de força de trabalho – e a participação atual mundial é baixa, mesmo que esteja aumentando conforme os anos passam. A terceirização e a informalização deixam o mercado de trabalho mais instável e suscetível a crises econômicas, visto que são setores sem regulamentação e sem dados em muitos países. Os novos padrões de jornada de trabalho, influenciados principalmente pelo setor de serviços (um dos setores mais sensíveis às crises e também um dos setores que mais absorve imigrantes), também é um desafio para o mercado de trabalho contemporâneo.

Como forma de dar continuidade ao trabalho desenvolvido, seria interessante analisar como é o comportamento dos imigrantes no mercado de outros países desenvolvidos. Esse estudo comparativo poderia trazer mais conclusões sobre o mercado de trabalho irlandês, entendendo se ele absorve melhor os imigrantes e se eles têm boas oportunidades em relação aos nativos.

REFERÊNCIAS

BERGIN, Adele; KELLY, Elish; REDMOND, Paul. **The labor market in Ireland, 2000–2018**. 2019. Disponível em: <https://wol.iza.org/articles/the-labor-market-in-ireland/long>. Acesso em: 12 fev. 2023.

CEDEFOP (2021). Disponível em: <https://www.cedefop.europa.eu/en/tools/skills-intelligence/occupations?occupation=3#1>. Acesso em: 13 ago. 2023.

BLIKSTAD, N. M. D; OLIVEIRA, G. C. de. Instabilidade financeira na Eurozona e a crise dos títulos públicos dos GIIPS. **Economia e Sociedade**, Campinas, SP, v. 27, n. 2, p. 431–462, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8656773>. Acesso em: 11 fev. 2023

CHANG, Ha-Joon. **Economia: modo de usar: um guia básico dos principais conceitos econômicos**. 1ª Edição. Brasil: Portfolio-Penguin, 15 de maio de 2015.

CROSS, Christine; TURNER, Thomas. Integration or exclusion? Assimilation of non-Irish nationals into the Irish labour market. **Journal of Contemporary European**, United Kingdom, p. 1-13, July 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14782804.2022.2090321>. Acesso em: 8 jan. 2023.

CSO (2018). **Census 2016 - Non-Irish Nationalities Living in Ireland**. Disponível em: <https://www.cso.ie/en/csolatestnews/presspages/2018/census2016nonirishnationalitieslivinginireland/>. Acesso em: 12 fev. 2023

CSO (2018). **Census of Population 2016 – Profile 11 Employment, Occupations and Industry**. Disponível em: <https://www.cso.ie/en/releasesandpublications/ep/p-cp11eoi/cp11eoi/lfnmfl/>. Acesso em: 23 fev. 2023.

CSO (2022). **Population and Migration Estimates**, April 2022. Disponível em: <https://www.cso.ie/en/releasesandpublications/ep/p-pme/populationandmigrationestimatesapril2022/keyfindings/>. Acesso em: 23 fev. 2023.

CSO (2022). **Ireland 2022: The Year in Numbers**. Disponível em: <https://www.cso.ie/en/releasesandpublications/ep/p-yin/ireland2022theyearinnumberspart1societyenvironment/>. Acesso em: 23 fev. 2023.

DIIESE. Aumento do salário-mínimo, produtividade, inflação, desemprego e informalidade: quebrando alguns mitos. **Nota especial 2**, 2023. Disponível em: https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2023/notaEspecialSM_2_042023.html. Acesso em: 13 ago. 2023.

EUROPEAN COMMISSION. 2021. Disponível em: https://eures.ec.europa.eu/living-and-working/labour-market-information/labour-market-information-ireland_en. Acesso em: 23 fev. 2023.

EUROPEAN COMMISSION. **European Innovation Scoreboard 2022**. 2022. Disponível em: https://research-and-innovation.ec.europa.eu/knowledge-publications-tools-and-data/publications/all-publications/european-innovation-scoreboard-2022_en. Acesso em: 23 fev. 2023.

EUROSTAT Data Browser, 2023. Disponível em: https://ec.europa.eu/eurostat/databrowser/view/earn_mw_cur/default/table?lang=en. Acesso em: 13 ago. 2023.

ILO. **World Employment and Social Outlook: Trends 2023**. 16 jan. 2023. Disponível em: https://www.ilo.org/global/research/global-reports/weso/WCMS_865332/lang-en/index.htm. Acesso em: 13 ago. 2023.

KELLY, Elish; McGUINNESS, Seamus; O'CONNELL, Philip; PANDIELA, Alberto; HAUGH, David. **How did Immigrants fare in the Irish Labour Market over the Great Recession?** Abr. 2016. Disponível em: https://www.oecd-ilibrary.org/economics/how-did-immigrants-fare-in-the-irish-labour-market-over-the-great-recession_5jm0v4f4r8kh-en. Acesso em: 8 jan. 2023.

KINGSTON, G., McGINNITY, F., O'CONNELL, P. J. (2015). **Discrimination in the labour market: nationality, ethnicity and the recession**. *Work, Employment and Society*, 29(2), 213–232. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0950017014563104>. Acesso em: 13 ago. 2023.

KISHTAINY, Niall (editor consultor). **O livro da economia**. Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Globo Livros, 2013.

MASSEY, Douglas S., et al. Theories of international migration: A review and appraisal. **Population and Development Review** 19.3, United Kingdom, p. 431-466, sep. 1993. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2938462>. Acesso em: 13 ago. 2023.

McAULIFFE, M. e A. TRIANDAFYLLIDOU, 2021. Organização Internacional para as Migrações (OIM), 2021. Migração e migrantes: panorama mundial. Em: **Relatório Mundial sobre Migração 2022**. OIM, Genebra. Disponível em: <https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2022>. Acesso em: 15 jul. 2023.

McDONNELL, Tom. **Economic Trends and Outlook: In recovery but more challenges ahead**. Dublin: NERI Institute, 2021. (NERI Report Series, N°. 12). Disponível em <https://www.neriinstitute.net/research/economic-trends-and-outlook-recovery-more-challenges-ahead>. Acesso em: 12 fev. 2023.

NUGENT, Ciarán. **Trends in the irish labour market – special focus: the impact of the Coronavirus**. Dublin: NERI Institute, 2021. (NERI Report Series, 9). Disponível em <https://www.neriinstitute.net/research/trends-irish-labour-market-special-focus-impact-coronavirus-so-far>. Acesso em: 11 jan. 2023.

OECD DATA. Disponível em: <https://data.oecd.org/>. Acesso em: 23 fev. 2023.

OECD. Labour market situation. **Statistics News Release**. Paris, 19 Jan. 2023. Disponível em: <https://www.oecd.org/newsroom/labour-market-situation-oecd-updated-january-2023.htm>. Acesso em: 13 ago. 2023.

OIT. **As regras do jogo**: Uma introdução à ação normativa da Organização Internacional do Trabalho. Jul. 2020. Disponível em: https://www.ilo.org/brasil/publicacoes/WCMS_762425/lang--pt/index.htm. Acesso em: 13 ago. 2023.

OIT. **Duração do trabalho em todo o mundo**: tendências de jornadas de trabalho, legislação e políticas numa perspectiva global comparada. Dez. 2009. Disponível em: https://www.ilo.org/brasil/publicacoes/WCMS_229714/lang--pt/index.htm. Acesso em: 14 ago. 2023.

OIT. **Trabalhadoras e trabalhadores migrantes**: alcançar a igualdade de direitos e de oportunidades. Dez. 2008. Disponível em: https://www.ilo.org/lisbon/publica%C3%A7%C3%B5es/WCMS_729069/lang--pt/index.htm. Acesso em: 14 ago. 2023.

OLIVEIRA, S. R. de; PICCININI, V. C. Mercado de trabalho: múltiplos (des)entendimentos. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, RJ, v. 45, n. 5, p. 1517 a 1538, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/7046>. Acesso em: 13 ago. 2023.

SAYAO, Alexandre. **Irlanda: de País Subdesenvolvido a Tigre Europeu em uma Década**. Dez. 2006. Disponível em: <https://www.econ.puc-rio.br/biblioteca.php/trabalhos/show/2459>. Acesso em: 23 fev. 2023.

SERRANO, Filipe. O que a Irlanda fez para se tornar a economia que mais cresce na Europa. **Revista Exame**, 24 de maio de 2018. Disponível em: <https://exame.com/revista-exame/o-que-a-irlanda-fez-para-se-tornar-a-economia-que-mais-cresce-na-europa/amp/>. Acesso em: 23 fev. 2023.